

SEBASTIÃO E O COMETA ESPANTOSO. O COMETA DE 1577, OS AVISOS DO CÉU E AS CRÔNICAS SEBASTIANISTAS

Antônio Brehm¹

1. DOS COMETAS, DOS ASTRÓNOMOS E DOS CURIOSOS

Os fenômenos da natureza, como os cometas, são muitas vezes conceptualizados como sinais extraordinários e premonitórios das nossas vidas. Desde a pré-história que estes corpos celestes têm sido observados e admirados. Os primeiros registros de cometas datam do terceiro milênio antes de Cristo² e eram tidos como sinais dos deuses, normalmente negativos, pois tratava-se de fenômenos que quebravam a normal e harmônica rotina do cosmos. Ao longo dos séculos, a interpretação do seu significado ficava, em geral, ao sabor do imaginário de cada um, embora, quase sempre, encarados como sinais de cataclismos ou desgraças, como guerras, fome e doenças. Os cometas são vistos na Terra regularmente e alguns até são visitantes com uma periodicidade relativamente curta, como acontece com o Halley. Sobre a

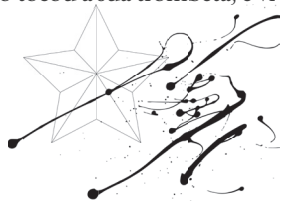
¹ Faculdade de Ciências da Vida, Universidade da Madeira.

² A fazer fé em análises recentes, a mais antiga representação da atividade de um cometa parece remontar ao 11.º milênio a. C., pelos dados obtidos em Göbekli Tepe (Turquia); ver Sweatman, Tsikritsis, «Decoding Göbekli Tepe With Archaeoastronomy: What Does The Fox Say?», *Mediterranean Archaeology and Archaeometry*, vol. 17 (1), 2017, pp. 233-250.

sua natureza, a visão que perdurou, sobretudo na Europa até aos séculos XV-XVI, foi a que Aristóteles enunciou quando lançou as bases da teoria do cosmos, que vigoraria até ao Renascimento praticamente intocada. Para o filósofo, os cometas eram objetos exalados

da própria Terra e por isso eram fenómenos sublunares³. O mais famoso dos cometas na Literatura mundial é,

sem dúvida, a estrela de Belém⁴, que curiosamente não anunciava cataclismos. A literatura está repleta de premonições catastróficas atribuídas aos cometas. O «Livro da Revelação» menciona, por duas vezes, uma intervenção divina anunciada por cometas: «O terceiro anjo tocou a sua trombeta e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas» (cap. 8-10) ou «O quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela



³ Foi preciso chegar a 1544, ano em que Petrus Apianus (1495-1552), um matemático e astrónomo alemão, publicaria o seu *Astronomicum Caesareum*, dedicado ao Imperador Carlos V, para que a teoria aristotélica começasse a sofrer os primeiros abalos. Efetivamente, é dele a observação de que as caudas dos cometas sempre apontam na direção contrária ao Sol, observação que seria, umas décadas mais tarde, desenvolvida por Tycho Brahe, como veremos adiante.

⁴ Existe um debate, nas últimas décadas, sobre a verdadeira natureza da estrela de Belém. Nos anos 70, David Hughes, um astrónomo da Universidade de Sheffield, publicou um estudo sobre a sua possível natureza. A aparição de um cometa muito brilhante (neste caso, a hipótese é apoiada pelo aparecimento de um em v a. C., aliás, bem documentado por astrónomos chineses) poderia ter resultado de um alinhamento extraordinário entre o Sol, a Terra, Júpiter e Saturno, que ocorre a cada 900 anos, culminando, por fim, no extraordinário nascimento de uma nova estrela, uma *nova*.

que do céu caíra sobre a Terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo» (cap. 9-1). O poder profético dos cometas, se bem que não tenha surgido com São João Damasceno, foi por este dogmatizado na sua função judiciária. Não é ele quem diz que os

«O quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caíra sobre a Terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo» (cap. 9-1).

cometas frequentemente aparecem, sendo sinais de mortes de Reis, e que, não fazendo parte das estrelas que existem desde o princípio, são antes formados

por divina ordem e dissolvidos depois («Livro II», cap. VII)? Nostradamus⁵ descreve muitas vezes, nas suas quadras e presságios, a intervenção divina sobre os homens na forma de estrelas e cometas: «Quando o grande cometa aparecer, o governo cairá, fome, doenças, fogo e sangue inundarão o Ocidente» («Presságio 52»).

Dos vários cometas avistados entre nós, um em particular cruzou os nossos céus durante quase dois meses e ficou gravado nas memórias daquelas pessoas que viram tamanha e tão majestática manifestação. Um cometa a tal ponto magnífico que pode perfeitamente ser considerado da mesma categoria do cometa Halley, senão mesmo mais importante. No início de novembro de 1577, surgiu no céu um cometa tão extraordinário como nunca se vira, nem sequer havia memória de coisa parecida. Não era sequer comparável àquele de 20 de fevereiro do ano distante de 1491, que vaticinou a morte do Príncipe D. Afonso, filho de D. João II. Nem se comparava com aquele outro que tinha passado a 26 de agosto de 1531⁶ e que trouxera tão horríveis

⁵ Michel de Nostradamus foi médico e conselheiro real da corte de Catarina de Médicis durante os reinados de Henrique II, de Francisco II e de Carlos IX, na mesma altura dos primeiros anos em que o nosso Rei D. Sebastião viveu. Dedicou grande parte da sua vida ao estudo da alquimia e da astrologia. Homem letrado em várias línguas, deixou as suas profecias em centúrias e quadras enigmáticas cuja interpretação ainda hoje faz correr tanta tinta. Morreu a 2 de julho de 1566.

⁶ Trata-se do cometa Halley.

terramotos ao Reino, ou com o de janeiro de 1538, que levou a Imperatriz D. Isabel, filha do augustíssimo D. Manuel. Não, este era mais magnífico e haveria de se demorar nos céus da Europa quase dois meses. Este cometa tem, evidentemente, um nome oficial: «Grande Cometa de 1577» e deve ter passado próximo de Vénus, contornado o Sol, para fazer uma parábola, e voltado a desaparecer, tão solitário como nos apareceu⁷. A sua aparição foi um evento único e memorável, porque nunca mais voltará a cruzar os nossos céus⁸. Este cometa suscitou um enorme interesse quer em astrónomos reputados que tentaram estudá-lo de acordo com uma metodologia científica, quer em amadores interessados nos fenómenos celestes, ou também em filósofos e teólogos que o interpretaram para os mais variados fins⁹. Os

—————
**Descrições puramente
 astrológicas abundam
 na literatura, muitas até feitas
 por reputados astrónomos [...].**

⁷ O cometa começou a ser visto a 9 de novembro e manteve-se no horizonte 74 dias (até 26 de janeiro de 1578). A sua posição mais próxima à Terra aconteceu no dia 10 de novembro, às 4h41 UT, em que esteve a uns meros 94 milhões de quilómetros de nós, pouco mais de metade da distância da Terra ao Sol (0,6270 AU).

⁸ O cometa de 1577 possui um nome de código sob o qual está catalogado: C/1577 V1. O «C» quer dizer que jamais voltará a cruzar-se com o espaço do nosso sistema solar. Encontra-se, neste momento, a 48 320 112 010 km de nós (apenas 10 vezes mais distante do que a sonda New Horizons, que recentemente passou por Plutão). O primeiro astrónomo que tentou calcular a órbita deste cometa foi Tycho Brahe, mas errou ao pensar que era circular. Fredericus Woldsted recalculou-a em 1844 e determinou que não era uma órbita fechada, não voltando, portanto, ao nosso sistema solar (cf. D. Hellman, *Isis*, v. 22, 1934, pp. 41-68).

⁹ Doris Hellman foi talvez quem se dedicou e compilou a mais completa lista de trabalhos que se publicaram sobre o cometa 1577, entre todos aqueles que sobre ele falaram, desde contemporâneos astrónomos qualificados, a clérigos, filósofos, poetas, músicos ou curiosos. A obra foi originalmente publicada em 1934: «A Bibliography of Tracts and Treatises on the Comet of 1577», *Isis*, v. 2 (1), pp. 41-68, 1934. Mais tarde haveria de aumentar e corrigir as suas referências num apêndi-

astrólogos também tiveram a sua grande quota-parte de responsabilidade na disseminação de prognósticos e previsões de todo o género, baseadas na forma e na cor do cometa. O povo, geralmente iletrado, ouvia os sermões nas igrejas onde o clero discorria sobre os efeitos terrenos do cometa, em regra tomados como evidentes manifestações da ira divina.

A lista de autores que publicaram trabalhos sobre cometologia e, concretamente, sobre o Cometa 1577 é vasta, mas não é objetivo deste trabalho fazer a sua análise comparativa. Descrições puramente astrológicas abundam na literatura, muitas até feitas por reputados astrónomos envolvidos, na maior parte dos casos,

na produção de cartas astrológicas para os mais variados fins¹⁰. Existem também bastantes imagens deste cometa, feitas durante o período em que

se manteve no firmamento e provenientes de diversos locais (Figura 1).

O Cometa 1577 foi objeto de estudo por muitos e eminentes astrónomos da época: o dinamarquês Tycho Brahe (1546-1601) é talvez o mais conhecido de todos, tendo desenhado e descrito os seus movimentos. As suas medições da paralaxe do objeto cósmico permitiram inferir que o cometa estava muito para além da Lua, na verdade quase a 1,5 milhões de quilómetros de distância, uma observação antiaristotélica, dado que aquele filósofo havia enunciado um princípio que vigorava até então, segundo o qual os cometas eram fenómenos da nossa atmosfera, ou seja, situavam-se entre a Lua e a Terra. Brahe escreveu, mais tarde, um folheto sobre este cometa com descrições detalhadas

—————
 ce à sua tese de doutoramento: *The Comet of 1577: Its Place in the History of Astronomy*, Nova Iorque, AMS Press, 1944.

¹⁰ Ver Hellman, *op. cit.*, para uma síntese das observações deste cometa e uma autorizada compilação da bibliografia sobre o cometa.

não só sobre a distância que o separava da Terra, como da sua natureza física (o seu tamanho e a natureza da sua cauda)¹¹. Galileu era também desta opinião. Tycho Brahe dá-nos, assim, conta de como viu o cometa, que, nas suas próprias palavras, teria sido o maior e mais brilhante que até então vira:

J'aperçus, pour la première fois cette Etoile à queuë le 13 Novembre 1577 [...] Etant allé quelque tems avant le coucher du Soleil, & en attendant le souper, me délasser à voir prendre du poisson dans un de mes Viviers; je m'occupai pendant qu'on tiroit les filets à regarder le côté Occidental du Ciel, pour voir si la pureté de l'air nous promettoit pour la nuit suivante notre plaisir ordinaire, d'observer les astres. [...] j'aperçus de ce côté là une certaine Etoile brillante, & qui paroissoit aussi distincte que Venus, lorsqu'elle est proche de la terre, & qu'on la regarde de jour avant le coucher ou après le lever du Soleil. [...] J'étois dans l'étonnement du nouveau spectacle, que m'offroit cette Etoile extraordinaire, capable de fraper les yeux, malgré la lumière du Soleil, qui n'étoit pas encore couché. J'étois sûr qu'il n'y avoit dans cet endroit du Ciel, aucune Etoile fixe assez grande pour pouvoir paroître de jour. [...] cette Etoile parut ornée d'une grande queuë dirigée vers l'Orient, dont la figure & la couleur étoient telles que je l'ai dit au commencement, de manière qu'il n'y eut plus aucun lieu de douter &c. Son le Corps étoit rond, lumineux & remarquable par une certaine blancheur jeaunatre. Mais sa queuë qui s'étendoit beaucoup vers l'Orient, presque à l'opposite du Soleil, paroissoit comme brulante ou formée de rayons rouges, d'autant plus brillants & foncés qu'ils étoient plus près de la tête, mais leurs extrémités étoient plus claires & moins lumineuses.

¹¹ Tycho Brahe, *De Mundi Aetherei Recentioribus Phaenomenis Liber Secundus*, Praga, 1603.

La queuë étoit de plus courbée, de forte que sa Convexité regardoit le Zenit, & sa concavité l'Horizon.¹²

Tycho Brahe não era um astrólogo judiciário, alguém que escrevia oráculos sobre estes corpos celestes. Pelo contrário, criticava quem o fizesse, o que, convenhamos, era a coisa mais natural naquela época. É certo que mesmo Tycho Brahe (tal como todos os outros astrónomos não judiciários) incluiu nos seus estudos sobre o cometa um prognóstico, ou o que será mais correto chamar — uma imagem profética. Já o tinha feito aquando da supernova de 1572, prognosticando grandes tumultos das nações do Norte, algo que não deixava de ser críptico e muito vago, ao estilo de um oráculo. Em relação ao cometa de 1577, o estudioso

[...] Tycho Brahe afastou a ideia de que os cometas (incluindo o 1577) fossem presságio de apocalipse, o que considerava uma blasfémia.

predisse guerras (subentendemos que, sobretudo, nos Países Baixos, contra a dominação filipina), pestes e variações extremas de temperaturas, bem como alterações profundas na religião (notamos que estávamos em plena época das lutas religiosas entre papistas e reformistas)¹³. Em todo o caso, Tycho Brahe afastou a ideia de que os cometas (incluindo o 1577) fossem presságio de apocalipse, o que considerava uma blasfémia.

Em 1578, o matemático e astrónomo alemão Michael Mästlin (1550-1631) publicou um tratado sobre o Cometa de 1577, no qual tentou medir a distância que o separava da Terra, tendo concluído que era bem maior do que a distância entre a Lua e o nosso planeta. O seu estudo acabou por ser essencial para o sucesso da teoria de Copérnico. Mästlin fez uma tabela das suas observações, em que a preto desenhou a posição das conste-

¹² Loys de Cheseaux, *Traité de la Comete Qui a Paru en Decembre 1743, & en Janvier, Fevrier & Mars 1744: Contenant Outre les Observations de l'Auteur, Celles Qui Ont Été Faites à Paris, Lausana/Génova, 1744.*

¹³ Christianson, «Tycho Brahe's German Treatise on the Comet of 1577: A Study in Science and Politics», *Isis*, 70 (1), 1979, pp. 110-140.

lações e a vermelho, o percurso do cometa entre 5 de novembro e 8 de janeiro de 1578, um marco fundamental na história da astronomia. Marzari foi outro que se pronunciou sobre o cometa, num opúsculo de sete páginas apenas, escrito a 16 de novembro, com o fenómeno à sua vista. Para ele, o cometa exalava vapores e exercia os seus males nos homens, através da sarna e sobretudo do «mal francês»¹⁴! O cometa foi visto em praticamente toda a Eurásia, e duas outras personagens da época estiveram particularmente evidentes. Um foi Takiyüddin Efendi, um astrónomo e matemático que residia na corte do sultão Murad III (1546-1595), em Istambul, capital do Império Otomano, e que fez observações similares às de Brahe. Infelizmente, nalguns casos a atitude política e religiosa não protege, como acontece tão frequentemente, pensadores como Brahe, que era protegido de Christian IV da Dinamarca. Efendi viu em 1580 o seu observatório ser completamente destruído a mando de Sheikh-ul-Islam, uma autoridade religiosa do sultão, por causa da peste negra que grassava na altura e era tida como uma consequência da observação destes fenómenos que não deveriam ser estudados. Esse ano marca, definitivamente, o fim da era dos astrónomos otomanos e asiáticos. O outro asiático que estudou o Cometa de 1577 foi Abū'l Faz'l, que residia na corte do Imperador mongol Jalal ūd-Din Akbar (1556-1605). Apesar de não ter sido um astrónomo, fez importantes observações sobre o cometa, que, a par de um outro de 1618, são os únicos mencionados individualmente na crónica mongol *Akbarnāmā*¹⁵.

¹⁴ Giacomo Marzari, *Discorso Intorno Alla Cometa Apparsa il Mese di Novembre, l'Anno 1577*, Veneza, Domenico Nicolino (Publ.), 1577. «Mal francês» era, à época, uma das designações que se usavam para a sífilis.

¹⁵ Kapoor, «Abū'l Faz'l, Independent Discoverer of the Great Comet of 1577», *Astronomical History and Heritage*, 18, 2015, pp. 249-260.

Mas não foram só astrónomos qualificados que fizeram descrições científicas apuradas sobre o cometa 1577. Himbert de Billy (ou Himbertus, um interessado em astronomia, possivelmente holandês) escrevia em 1578 que os cometas (e outros objetos celestes) eram anunciadores dos mais sinistros sinais enviados por Deus e que incluíam

séditions, mutineries contre les ecclésiastiques, excès d'impôts, inimités, fraudes, trahisons, pillages [...] pestes, guerres, famines, mutations et changements de royaumes, rébellions du peuple, fruits des camps, et morts des roys, reines, princes, princesses, diminutions des eaux, sécheresse, déluges et semblables playes qui surviennent au pauvre genre humain.¹⁶

Vários outros autores escreveram sobre o cometa 1577, alguns com um sentido crítico e quase científico, mas a maior parte curiosos e simplesmente interessados nos aspetos astrológicos descritivos e, portanto, judiciários. Moreira de Sá enumera alguns deles, como Francesco Liberati que, observando o cometa em Paris, prognosticou divisões e heresias entre católicos, rebeliões e pestes, tempestades, inundações, desgraças para Reis e Príncipes, tanto a oriente como no sul. Francisco Giuntini viu o cometa em Lyon e disse que significava grandes coisas mortais, nomeadamente mortes de Reis e Papas, guerras civis, pestes e secas, a morte de um Príncipe, tudo por culpa dos pecados dos homens¹⁷.

De tratados cosmológicos sobre o cometa 1577, feitos por autores ibéricos e coetâneos com as observações, são conhecidos pelo menos três com data de 1578. Um deles é de Jerónimo Muñoz¹⁸ (1520-1591), um conhecido astrólogo e

¹⁶ Himbert de Billy, *Description et Ample Discours Prognostic du Comete [...]*, Lyon, Benoist Rigaud Ed., 1578.

¹⁷ Moreira de Sá, *O Cometa do ano de 1577*, de Francisco Sanches, introdução e notas, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1950, p. 33.

¹⁸ Jerónimo Muñoz, *Suma del Prognostico del Come-*

matemático valenciano que foi professor na Universidade de Salamanca. Depois de discorrer sobre a qualidade do cometa, fez as costumadas profecias quanto aos seus efeitos: o cometa causa «[...] muchas muertes y violentas, señaladamente de mancebos y juvenes cholericos y sanguinos: y con el gran hervor de la sangre colérica los incita a riñas, contendas, guerras civiles, a vandos y a levantamientos civiles contra sus Regidores». Do género de pessoas que padecerão mais «Los cholericos y sanguinos ternan mayor trabajo que los otros y los que tienen por ascendente el catorzeno grado de Ariete en su nacimiento o en la figura de la revolucion al año [...]». Finalmente o seu juízo sobre o significado prático do cometa: «Señala renzillas entre gente popular y muerte de Principes [...] señala tambien gran miedo de guerras, furor de Reyes cõ guerras civiles [...]». Entre muitas terras onde a ação do cometa se fará sentir, «Las terras subjectas a Scorpion padeceran mas trabajo que las otras: y son Berberia, que llaman Mauritania, Betulia que es la terra cerca del monte Atlas, que son les montes Claros [...]». Muñoz termina com uma advertência sobre o poder divino: «No son los juydios de los Astrologos necesarios, sino contingentes, ut plurimum: y Dios puede hazer lo que quiera de los efectos de los cielos, assi como los hizo de nada». O horóscopo tem data de 21 de janeiro de 1578.

Outro ibérico é o catalão Josep Micón¹⁹, também matemático e astrólogo ativo, nesta altura, na Universidade de Barcelona, e que também

ta y de la Eclipse de la Luna, Valência, Joan Navarro (Publ.), 1578.

¹⁹ Josep Micón, *Diario y Inicio del Grande Cometa que Nuevamente Nos Ha Aparezido Hazia Occidente a las Cinco y Media de la Tarde a los 8. Dias de Noviembre Año de 1577, en el Qual Se Apunta Con Varia Doctrina a la Naturaleza, Lugar, y Otras Qualidades del y de los Otros. Y Como no Son Cuerpos Inflamados Como Siente la Común Opinión Sino iluminados Por el Sol*, Barcelona, Jaime Sendrat (Publ.), 1578.

deu origem a um panfleto datado de 1578. Micón julga efetivamente os cometas como sendo luz, contrariamente à visão ptolemaica que os via como bolas de fogo. A mudança de posição da cauda não deixava dúvidas. Se ao princípio

aparecio muy de cahida hazia medio día, y agora que ha tres semanas, esta mucho mas elevada en alto que no le ha de venir de averse tanto allejado a nuestras cabezas... Que sea la causa principal y efficiente desto, no lo fuego, pues no lo tiene, sino la claridad del Sol, que la mire de otra manera ahora que al principio [...]

Este astrónomo não deixa, contudo, de fazer os seus prognósticos em relação a este corpo. Afinal, não havia no passado exemplos comprovados dessa influência? Não foi o cometa de 1503 o pronúncio da peste e da fome e, sobretudo, da morte da Rainha Isabel, a Católica, ou aquele, com uma cauda amarela muito grande, que apareceu em Peixes, no mês de janeiro de 1538²⁰, e

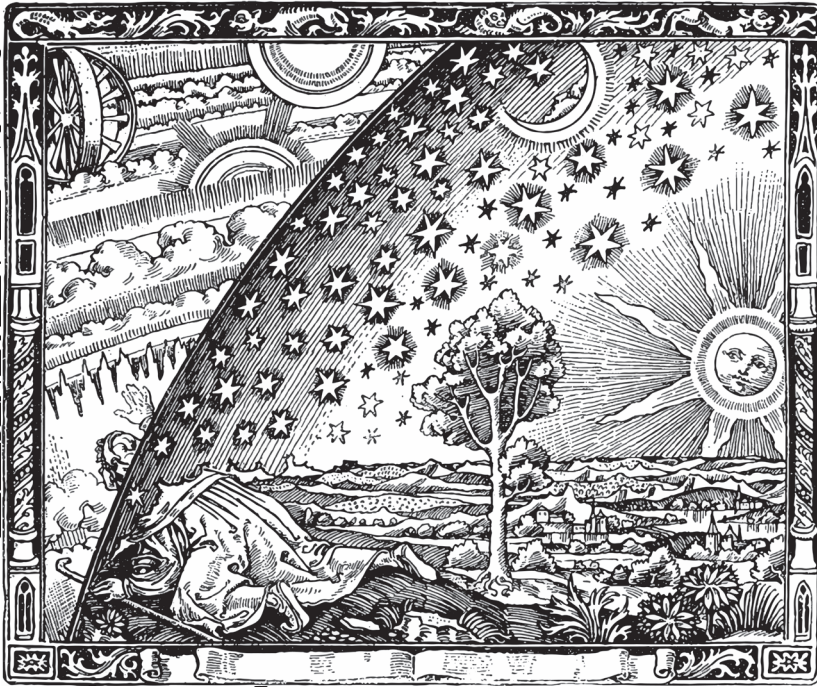
levou a Imperatriz e sereníssima Rainha Isabel de Portugal, mulher do Imperador Carlos V? E também não tinha sido o grande cometa

de 1556 a anunciar o fim terreno da majestade de Carlos V? Para Micón «dado que [o Cometa] y los otros no sean causa principale de los accidentes escritos enel capitulo passado [refere-se ao historial de mortes de Reis e Príncipes] son empero señales de ellos, asi como son certas y generacion de sus causas»²¹.

Micón não deixa de apresentar uma perspectiva interessante, porque, ao contrário da maioria dos astrólogos da época, achava que a luminosidade do cometa não se devia a fogo mas apenas a brilho,

²⁰ A propósito deste cometa de 1538, foi em Portugal dito mais tarde que tinha sido o responsável pelo advento da Reforma, bem como pelo aparecimento da Companhia de Jesus, sancionada por Paulo III em 1540.

²¹ Micón, *op. cit.*, capítulo 33.



S. Autor, Camille Flammarion, *L'Atmosphère: Météorologie Populaire* (Paris, 1888), pp. 163, Public Domain, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=318054>.

uma observação que viria a ser apoiada, no ano seguinte, pelo dinamarquês Tycho Brahe. O cometa atuava como uma lente refletindo o Sol, e uma prova disso é que a cauda estava sempre posicionada em direção contrária ao nosso astro (uma observação feita por Brahe e anotada em esquemas no seu livro de observações)²². Outra das suas convicções centrava-se no facto de que os cometas nem sempre eram presságios de tragédias ou de ocorrências funestas e, neste particular, distingue a astrologia real da judiciária, se bem que, por vezes, ele próprio fosse judiciário. Mícón dedicou o seu livro a Filipe II e, pelo sim pelo não, escreveu na dedicatória que

A obligacion que tengo al servicio de S. M. y bien de sus reynos senhorios y estados, viendo

²² É de facto interessantíssima a observação de Tycho Brahe sobre a natureza da cauda. Pela primeira vez nega-se inteiramente que a mesma seja constituída por fogo (o que, de imediato, lhe retirava poder holocáustico sobre a Terra), afirmando que não era mais do que a consequência de os raios solares atravessarem o corpo do cometa, que era poroso, arrastando consigo parte da «natureza celestial» de que era feito o corpo do objeto (Christianson *op.cit.*) contém o folheto de Brahe traduzido integralmente).

Vozes Consonantes

la aparición tan larga, del Cometa q tantos días en nuestro Horizonte se nos ha mostrado, y oyédo el temor que a los muchos les ponía (el cometa), me ha obligado a revolver los libros y ver lo q dello estava escrito, para avisar a V. M. para que se prevenga [...]

O terceiro tratado é de Francisco Raxo²³, aragonês, que, ao tempo, era médico de

Filipe II e professor de medicina na Universidade de Valência. A descrição da aparição do cometa é por ele relatada da seguinte maneira:

Anno a Christi Salvatoris nativitate, sesquimillesimo septuagesimo septimo, nona Novembris die, ex Catholicis Hispaniæ Regibus, secundo regnante Philippo, Caroli quinti Imperatoris filio, insignis apparuit in Occidentali coeli parte caudæ proceritate cometes: Quem quinta post meridiem hora, Madriti turbæ; intuentes, quidam ad plateas, & entinentiora loca, quidam ad turres, fenestras, & domorū culmina, spectacularitate admirati, ruebant.

Para Raxo os cometas são apenas exalações terrestres, mas não do ponto de vista aristotélico. Há uma diferença entre eventos, como a *nova* de 1572, que aparecia fixa, e o cometa de 1577, que se movia. Contudo, não consegue libertar-se da teoria de que existe sempre um planeta que governa o cometa, pelo que este o «segue». Mas Raxo também não consegue de todo abstrair-se ou ignorar o valor judiciário dos cometas, sobretudo um que ele próprio tivesse observado: «Ut nostrá prætereā indicandi Cometæ methodum sequamur, significât tertio Martiales, & Mercuriales aegritudines: quales funt phrenesis, mania [...]»

²³ Francisco Raxo y Gómez, *De Cometis et Prodigiosis Eorum Portentis Libri Quatuor*, Madrid, Guillelmus Drouy (Publ.), 1578.

(cap. XIX) ou ainda «Significant prætere Cometę Regum, Reginarum, nobiliumq virorum mortes [...]» (cap. XXII)²⁴.

Falar do cometa 1577 implica falar de Francisco Sanches, um médico cristão-novo, nascido em Tui (Galiza) no ano de 1550 e batizado no ano seguinte em Braga²⁵, onde viveu até aos 12 anos. Fez a maior parte do seu percurso em França e em Itália, sendo considerado um dos nossos maiores humanistas. No próprio ano em que o cometa apareceu, escreveu um opúsculo sobre ele com o título *Carmen de Cometa Anni MDLXXVII*²⁶. Sanches não era um cosmógrafo, mas sim médico e filósofo. A sua obra relativamente ao cometa tinha como objetivo refutar todos os argumentos possíveis que atribuíssem valor judiciário a estes objetos celestes. Para Sanches, tudo —

se integra harmoniosamente na natureza e, por isso, não se podem

«Ninguém pode prognosticar coisas que dependem do nosso arbítrio».

²⁴ «Posto isto, a fim de seguirmos o nosso método de avaliar os cometas, significam eles, em terceiro lugar, enfermidades de Marte e de Mercúrio, tais como frenesi, loucura [...]» (cap. 19); «Pressagiam, além disso, os cometas as mortes de reis, de rainhas e de nobres varões» (cap. 22).

²⁵ Existe uma eterna disputa com historiadores espanhóis sobre a naturalidade de Sanches, com estes últimos a considerarem não haver quaisquer dúvidas sobre o facto de ser ele espanhol. Basta ver os termos da «Advertência preliminar», escrita por Iriarte (Iriarte, *La Canción del Cometa de 1577*, Juan Churruca (ed.), Bilbao, Universidade de Deusto, 1996): «Imposible poner hoy en duda la patria del médico Francisco Sánchez, llamado el Escéptico en los manuales de la Historia de la Filosofía [...] Documentos firmados por él [...] testifican irrecusables ser español y que nació en Tuy [...]» (p. 19). Evidentemente que Iriarte omite tudo o que aos seus pais portugueses diz respeito: o local de batismo passa a um percalço de somenos importância e traduz, a gosto, o único documento com interesse para a afirmação da naturalidade espanhola de Francisco — um assento da Faculdade de Medicina de Montpellier, no qual se lê *Franciscus Sanchez Hispanicus* (abreviados), pretendendo com isso ler: *Francisco Sanchez Español!*

²⁶ Francisco Sanches, *O cometa do ano de 1577*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1950. Trata-se de uma obra fac-similada do original de 1578, com notas de Artur Moreira de Sá.

atribuir como presságios de acontecimentos funestos o que num determinado contexto possui um valor mas noutro possuirá um valor contrário. Ao longo de 12 argumentos, Sanches vai habilmente desconstruindo a filosofia fatalista e a de premeditação que alguns atribuíam aos cometas: «Ninguém pode prognosticar coisas que dependem do nosso arbítrio». Evidentemente que isto decorre da conceção que Sanches faz da natureza do prognóstico: ele não pode ser uma antecipação do futuro, mas antes uma premonição do que o futuro será, e, neste caso, não influencia no livre-arbítrio de cada um.

Rodrigo Zamorano (1542-1623), um cosmógrafo ativo na corte de Filipe II, logo em 1594 comentava sobre os cometas em geral:

Y porque los Cometas, siendo de naturaleza de fuego atraen con su ascenso, y chupan los spiritus mas fútiles, quales son los dela-gente que vive regalada y delicadamente, y de camino tuestan y requeman el humido radical de los cuerpos humanos. Por esta razon suelen causar muertes de Reyes, Príncipes, Sabios, y personas que viven con regalo, y de los hombres que son tenidos en precio. Y porque en general tuestan los humores y suelen en la gente comun ser causa de grandes imaginaciones: de donde salen despues hechos increíbles y muchos se vuelven melancolicos. y apartados del comun modo de vivir, y mueven motines, alborotos, levantamientos, hechos orrendos y sectas.²⁷

Devemos, contudo, referir Blaise de Vigenère, que publicou um tratado em 1578, no qual discorre, efetivamente, sobre a observação do nosso cometa. Blaise de Vigenère foi um diplomata francês e acabou por se tornar no astrólogo pessoal de Henrique III de França²⁸. Não deixa

²⁷ Rodrigo Zamorano, *Cronologia y Reportorio de la Razon de los Tiempos*, Sevilha, Rodrigo de Cabrera, 1594, p. 269.

²⁸ Blaise de Vigenère, *Traicté de Comètes ou Etoiles Chevelues*, Paris, Nicolas Chesnea, 1578.

de ser interessante que, ao contrário da maioria na época, o autor desdenhava os astrólogos judiciários e não atribuía aos cometas nenhuma qualidade divinatória, e menos ainda lhes atribuía a possibilidade de assacarem ilações sobre o destino dos homens:

[...] Car l'homme n'est pas fait pour s'amuser apres des vaines & inutiles curiositez de deviner: & pours'enquerir de ce qui luy doit arriver de biẽ ou de mal, d'agreable ou ennuyeux, de prospere ou infortunẽ; Ne des aventures, & destins des autres; mais se cognoistre soy-mesme, c'est-à-dire, ellever sa pensee à Dieu [...].

Houve igualmente portugueses, matemáticos, astrónomos, cosmógrafos ou simplesmente eruditos, que fizeram considerações coetâneas sobre o cometa, apesar de terem sido publicadas mais tarde, sobretudo logo no início do século XVII. Destes, podemos referir Manuel de Figueiredo e André do Avelar. O primeiro foi matemático e versado em astrologia e cosmografia (foi, aliás, cosmógrafo-mor), sendo discípulo de Pedro Nunes. A sua obra mais famosa é a *Chronographya reportorio dos tempos*, publicada em 1603²⁹. Figueiredo dedica alguns capítulos à explicação da natureza dos cometas e sobretudo ao seu valor judiciário. A significação tem para ele um valor absoluto e é inerente ao objeto. Por isso não é de espantar que, para cada signo do zodíaco onde nascem os cometas, existam explicações diferentes. Em relação ao de 1577, que apareceu no signo da Libra, a explicação é simples: «Quando algum cometa aparecer no signo da Libra, significa morte de algum grande Rey na parte do Occidente, & muy grande multidam de mortes nos príncipes, & nobres, & derramar sangue [...]». Como seria de esperar nesta altura, e

²⁹ Manuel de Figueiredo, *Cronographya reportorio dos tempos [...]*, Lisboa, Jorge Rodriguez, 1603.

apesar de terem decorrido alguns anos depois das análises mais científicas de Brahe e Mästlin, continua a ser impossível, em inícios do século XVII, separar a natureza judiciária dos cometas da sua explicação meramente cosmológica. É por isso que, para Figueiredo, em nenhum dos signos do zodíaco o prognóstico é positivo. Fosse onde fosse que aparecesse o cometa, o prognóstico é sempre a morte de Reis e Príncipes. Também do início

do século XVII, André do Avelar escreveu um opúsculo com o mesmo nome do de Figueiredo³⁰. Avelar era um cristão-novo, matemático e professor na Universidade de Coimbra.

Nasceu em 1546 e jubilou-se em 1612. Pertence também à escola de Pedro Nunes e o seu opúsculo tem de inovador a introdução do calendário gregoriano, que havia sido promulgado por Gregório XIII em 1582.

Há, portanto, um sem-número de autores que começavam efetivamente a romper com a visão cosmológica da natureza dos corpos celestes, em particular os cometas. A definitiva medida da distância do cometa 1577 tornou possível descartar, logo no final do século XVI, a velha teoria aristotélica que tinha prevalecido, pelo menos parcialmente, até então, segundo a qual estes fenómenos eram sublunares, tal como as estrelas cadentes e os meteoritos. Pela primeira vez, é posta em causa a teoria dos círculos celestes de Aristóteles, aquela região do *céu eterno* onde nada de novo ocorre, mas onde tudo se move em órbitas circulares constantes e imutáveis. A partir daqui, e durante todo o século XVII, a cosmografia vai passar de meras conceções de natureza premonitória e divina para o plano científico e racional, ou seja, vai passar a fazer-se uma distinção entre astrologia propriamente dita e astrologia judiciária. Começam a aparecer

³⁰ André do Avelar, *Chronographya ou reportório dos tempos: o mais copioso que te agora sayo a luz*, Lisboa, Jorge Rodriguez, 1602. Barbosa Machado não menciona, na *Bibliotheca*, este opúsculo.

uma série de folhetos de reputados matemáticos, astrónomos, filósofos e até teólogos e eclesiásticos com visões alternativas daquelas que eram meras suposições empíricas de como o divino exerce o seu poder sobre nós. Não foi preciso chegar aos finais do século XVI para que isso acontecesse. Já antes, autores como Mirandola³¹, em pleno século XV (1495), ou, entre nós, António de Beja³², que produziu um veemente libelo contra a astrologia judiciária em pleno século XVI, revelam o quão seria impossível que tal acontecimento não fosse do conhecimento geral no tempo do Rei D. Sebastião.

Ainda durante o século XVII são dignos de mencionar dois eruditos que escreveram tratados astronómicos com menção à natureza dos cometas³³. O primeiro é António Pimenta (1620-

-1700), matemático e doutorado em Teologia e Direito Canónico na Universidade de Coimbra, que escreveu inúmeras obras relativas às ciências da astronomia e da cosmografia. Talvez a mais inter-

interessante seja a *Sciographia*, na qual Pimenta revela, desde logo, a sua opinião sobre a cometologia judiciária:

[...] So pretendo fazer a todos manifesto, q tudo quãto os Antigos escreveram, & alguns ensinaram da Astrologia judiciaria tudo foy, & he huma mera ficção, embuste, & malícia, & tudo lhes nasceo da

soberba, origen de todos os vícios, por quererê deixar fama de grandes sábios, & mostrar que souberam mais que todos, & ja pode ser, que esta fosse a principal causa, que me obrigou a escrever, esta Sciographia em nossa vulgar língua [...] ³⁴

E Pimenta segue com uma veemente crítica aos astrólogos judiciários, como sendo «ridículos, falsos e perniciosos», além de terem já sido proibidos pelos concílios sagrados (incluindo o Bracaraense que, sobre o assunto, emitira dois decretos) que condenavam não só os que exerciam esse ofício, como os que os consultavam e ensinavam³⁵. António Teixeira (1597-1678),

Figueiredo, *A contribuição de José Monteiro da Rocha para o cálculo da órbita de cometas*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2005.

³⁴ António Pimenta, *Sciographia da nova proximasia celeste, & portentoso cometa do anno de 1664*, Lisboa, Domingos Carneiro (Publ.), 1665. Veja-se, sobre este ataque aos judiciários, *Gramma*, VI, pp. 24 e segs. Em relação ao cometa de 1577, só o menciona brevemente, não deixando de indicar que o mesmo tanto anunciou o que de mal aconteceu a D. Sebastião e ao Reino, como de bom aconteceu a Filipe II... Bela ironia para dizer que, na realidade, os juízos são sempre produzidos à medida para quem são feitos.

³⁵ O Concílio de Trento condenou expressamente a astrologia judiciária que advogava a predestinação, tema caro aos reformistas; por este motivo, muitos li-

Começa a aparecer uma série de folhetos de reputados matemáticos, astrónomos, filósofos e até teólogos e eclesiásticos com visões alternativas daquelas que eram meras suposições empíricas de como o divino exerce o seu poder sobre nós.

³¹ Giovanni Pico della Mirandola, *Disputationes Adversus Astrologiam Divinatricem* (Bolonha, 1495), Edizione Nazionale dei Classici del Pensiero Italiano, «Libri I-V», Florença, Eugenio Garin (Publ.), Vallecchi (Ed.), 1944.

³² António de Beja, *Contra os juízos dos astrólogos*, in Joaquim de Carvalho, *Inedita ac rediitua: subsídios para a história da Filosofia e da Ciência em Portugal*, Coimbra, Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1943. António de Beja escreveu este opúsculo a pedido da Rainha D. Leonor.

³³ Não cabe aqui, de forma alguma, fazer uma revisão sobre os autores portugueses que escreveram tratados de astronomia ou, pelo menos, de cosmologia ao longo dos tempos. Os que são mencionados ilustram as suas opiniões sobre os aspetos judiciários dos cometas e, por isso, têm interesse para aferir do imaginário que, nesses séculos, existia em relação a estes objetos celestes. São muitos os autores portugueses que nos deixaram escritos, mais ou menos longos, e está ainda por se fazer o seu levantamento e a sua análise literária e crítica, um trabalho certamente muito interessante. Só Barbosa Machado, na *Bibliotheca lusitana*, menciona 84, apesar de apenas uma minoria destes abordar concretamente o cometa de 1577. Em todo o caso, para uma listagem dos principais personagens envolvidos na temática da astronomia nos séculos XVII e XVIII, veja-se Fernando





um trinitário versado em medicina, ao contrário de Pimenta, julgava que os cometas eram sinais de graves doenças causadas pelos calores e securas de astros e planetas, tais como o Sol, Marte e Mercúrio. Não obstante, acreditava que não produziam efeitos sobre Reis e Príncipes, nem mesmo guerras e discórdias populares, uma vez que só o Criador tinha esse poder. Tinha mesmo uma opinião muito desfavorável sobre os astrólogos que apenas serviriam para amedrontar as gentes³⁶.

No século XVIII observamos uma evidente evolução do pensamento científico relativo à natureza dos cometas, apesar de continuarmos a ver pontuais inferências judiciárias ou apologéticas relativamente às aparições. Dois eruditos destacam-se particularmente nesta altura. Um é Bento Morganti (1709-?) que, por vezes, escrevia com o pseudónimo de José Ascursio de Tavares. Estudou no

vros de astrologia passaram rapidamente a fazer parte do *Index Librorum Prohibitorum*, estabelecido por Pio V. Houve, no entanto, exceções, já que o próprio Concílio admitia o seu uso na medicina, na navegação e na agricultura. Ver, sobre este assunto, Laurence Wuidar, *Musique et Astrologie après le Concile de Trente*, Bruxelas, Institut Historique Belge de Rome/Brepols, 2008. Em relação a Portugal, ver Gianriccardo Grassia Pastore, *Astrologia e Inquisição em Portugal nos séculos XVI e XVII*, tese de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014 (versão eletrónica em <http://hdl.handle.net/10451/15925>).

³⁶ Frei António Teixeira, *Epitome das noticias astrologicas para a medicina*, Lisboa, Ioam da Costa (Publ.), 1670.

No século XVIII observamos uma evidente evolução do pensamento científico relativo à natureza dos cometas [...].

Colégio de Santo Antão e depois na Universidade de Coimbra, onde se formou em Direito Canónico. Nos seus tratados, a natureza dos cometas é muito próxima da realidade. Os cometas não são mais do que objetos celestes, errantes e vagos, dos quais se exalam vapores que são iluminados pelo Sol: «[...] as caudas dos Cometas não tem mais substância nem são outra coisa mais, que a refração dos rayos do Sol no corpo do Cometa [...]»³⁷. Faz-se já sentir a influência de Galileu, Kepler, Descartes e Newton e de tantos outros, percussores de um novo tipo de abordagem ao fenómeno. A partir desta altura, apenas os astrólogos judiciários continuam a fazer prognósticos nefastos absolutamente empíricos:

[...] ainda presentemente não faltaõ sequazes destes maos annuncios, e o peor he que, entre estes insensatos, ainda aparecem alguns bons homens que concebem os Cometas como sinaes de futuras, e publicas calamidades, não por sua própria natureza, mas sim por oculta permissãõ Divina [...]³⁸

O outro autor do século XVIII é Francisco Henrique Ahlers, mas pouco ou nada se sabe dele. Supõe-se que seja português por nascimento, embora filho de alemães. Barbosa Machado ignora-o na *Bibliotheca lusitana* e é Innocencio quem o cita³⁹. O certo é que, em 1759, publicou uma cronologia dos cometas que apareceram desde 480 a. C. até 1746, enumerando-os todos⁴⁰. Ahlers combate a visão judiciária dos co-

³⁷ Bento Morganti, *Breve discurso sobre os Cometas [...]*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1757.

³⁸ José Ascursio de Tavares, *Carta em resposta ao discurso sobre os cometas*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1757.

³⁹ Francisco da Silva Innocencio, *Diccionario bibliographico portuguez*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p. 389.

⁴⁰ Francisco Ahlers, *Chronologia dos cometas que appa-*

metas, oferecendo, para cada um, um rol de felizes sucessos, que contrapõe, assim, aos maus augúrios dos adivinhos. Na entrada do cometa 1577 (segundo Ahlers, teria aparecido em Sagitário e desfalecido em Áries) refere simplesmente que no ano seguinte ocorreria a coroação do Cardeal D. Henrique (tanto quanto isso fosse um feliz sucesso). Para Ahlers, tudo dependia do lado de quem via o fenómeno. O primeiro cometa da sua longa lista, ocorrido em 480 a. C., foi funesto para Xerxes, que perdera a batalha, mas um ótimo sinal para Temístocles, que a ganhara!

2. A DESCRIÇÃO DO COMETA DE 1577 NAS CRÓNICAS SEBASTIANISTAS

Além dos portugueses já mencionados, e que, de uma forma mais ou menos entendida, dissertaram sobre os cometas em geral e particularmente sobre o aparecido em 1577, os principais cronistas coevos, obviamente, fazem-lhe referência, uns de forma mais extensa que outros. Não é de admirar, contudo, que todas as menções ao cometa sejam apresentadas na sua vertente meramente judiciária. Pouco importava a sua natureza, a sua descrição física, mas mais as suas características astrológicas que o pudessem, de algum modo, ligar ao desventurado Rei D. Sebastião e à Jornada de África, assunto que trataremos adiante. As duas crónicas mais antigas em nosso poder, e relativas ao reinado de D. Sebastião, que fazem referência ao cometa, são a de Frei Bernardo da Cruz⁴¹ (*Chronica d'el-Rei D. Sebastião*, dada

recceram [...], Lisboa, Antonio Vicente da Silva, 1759.

⁴¹ São escassíssimas as informações sobre a vida de Frei Bernardo da Cruz. Foi frade da Ordem Terceira e viveu na segunda metade do século XVI. É com ele que aparece o cargo de capelão-mor da Armada e foi nesta condição que embarcou com D. Sebastião na viagem a África. Na época de D. Filipe I (de Portugal) ainda

à estampa em 1837) que, como quase todos os outros depois dele, lhe dedica um capítulo inteiro⁴², e a de Jerónimo Conestagio, esta publicada ainda no século XVI (1585) mas que só brevemente fala do assunto. Outro autor coevo é Frei Bernardo de Brito, que também escreveu uma crónica dedicada a D. Sebastião, hoje perdida, mas que é mais tarde citada por Pereira Baião no que ao cometa diz respeito, como veremos adiante. Pedro Roiz Soares, uma personagem enigmática, mas que seguramente foi contemporâneo de D. Sebastião, do Cardeal-Rei e de D. Filipe I, escreveu um *Memorial*, cujo capítulo 38 também é dedicado ao cometa⁴³. Em 1602 foi publicada, em Paris, uma crónica de D. Sebastião, escrita por João de Castro, que só de passagem fala do cometa e do seu significado⁴⁴. Ainda no século XVII sur-

vivia, mas desconhece-se o ano do seu nascimento e da sua morte (ver o prólogo de Alexandre Herculano da *Chronica d'el-Rei D. Sebastião*, vol. 36, Lisboa, Ed. Galhardo e Irmãos/Biblioteca de Clássicos Portugueses, 1837).

⁴² Bernardo da Cruz, *Chronica d'el-Rei D. Sebastião*, op. cit. Esta crónica foi publicada por Alexandre Herculano e António Castelo de Paiva. O capítulo que

respeita à aparição do cometa é o 75, com o título «Dos signaes que houve do infeliz successo d'El-Rei e do seu desbarate».

⁴³ Sobre Pedro Roiz Soares, nem Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca lusitana*, nos esclarece a sua identidade. Ignoramos simplesmente quem foi, mas

o «Memorial» é profundamente anticastelhano e muito crítico de D. Sebastião, eventualmente justificando o anonimato do autor.

⁴⁴ João de Castro, *Discurso da vida do sempre bem vindo e apparecido Rey Dom Sebastião*, Paris, Martin Verac (Publ.), 1602. Esta obra trata da vida de Dom Sebastião após a batalha de Alcácer-Quibir. O autor é um fervoroso adepto de que o Rei não morreu na batalha e acabou por deambular até que chegou a Veneza no ano de 1598. É, portanto, o relato daquele que viria a ser conhecido, em outras crónicas, como o «prisioneiro de Veneza», que tanta tinta fez correr. A problemática sobre a vida do Rei após Alcácer-Quibir foi, em muito, construída por João de Castro, que se

**Ahlers combate a visão
judiciária dos cometas,
oferecendo, para cada um,
um rol de felizes sucessos,
que contrapõe, assim, aos
maus augúrios dos adivinhos.**

giram três obras que falam sobre o fenómeno, a de Sebastián de Mesa⁴⁵, a de Faria e Sousa⁴⁶ e a de Juan de Baena Parada⁴⁷. Por fim, no século XVIII surgem os restantes textos que nos dão hoje a maior parte do material relativo ao reinado de D. Sebastião: Manoel dos Santos (*História sebastiana*, 1735), Pereira Baião (*Epítome*, 1737) e Barbosa Machado (*Chronica*, 1751). Damião de Castro (*História de Portugal*, 1786) só de passagem refere o evento.

Bernardo da Cruz fez uma descrição detalhada do corpo celeste. O cometa «possuía uma plumagem desde o horizonte até nada menos que a metade do céu. O seu movimento diário ia de Oriente a Ponente». Bernardo refere que o cometa apareceu no dia 9 de dezembro, um equívoco, porque nessa altura já ele estava no firmamento, provavelmente tendo querido indicar *novembro*, e sobre o corpo celeste afirma que:

apareceu no Poente um cometa tão grande e espantoso, que bem mostrava em sua significação os males que prognosticava, e estendendo um grande rabo ao meio dia, estava demonstrando a região de Africa, aonde promettia fazer os seus effeitos; e quando foi de mais dura (que apareceu espaço de dois mezes)

autointitula o «São Paulo» do sebastianismo. Assim como Paulo construiu uma igreja nova, à sua medida, com o único objetivo de divinizar Jesus, assim João de Castro, sem o crer, postula a invencibilidade do Rei luso. A este propósito, leia-se o interessante artigo de Gonçalves Serafim, «Um “resistente” que se tornou profeta», *Via Spiritus*, 6, 1999, pp. 121-140.

⁴⁵ Sebastián de Mesa, *Jornada de Africa por El Rey Don Sebastian y Union del Reyno de Portugal a la Corona de Castilla*, Barcelona, Pedro Lacavalleria, 1630.

⁴⁶ Manuel de Faria e Sousa, *Europa portuguesa*, t. III, 2.^a ed., Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello (Pub.), 1680.

⁴⁷ Juan de Baena Parada, *Epítome de la Vida y Hechos de Don Sebastian Dezimo Sexto Rey de Portugal, y Unico deste Nombre*, Madrid, Antonio González de Reyes, 1692.

tanto mais contínuos e maiores ameaçava que seriam os seus efeitos.

O outro contemporâneo, Pedro Roiz Soares, faz igualmente uma muito completa descrição do cometa:

[...] No mes de novembro logo seguinte da dita era de 577 aos dez dias do dito mês comesou dapresser no çeo hũ cometa grandíssimo em demasia com ho rabo tam comprido que paresia de mais de duas legoas de comprido m^{to} claro E resplandçente e apressia logo a boca da noute nacendo sobre nossa sõra do monte e com o rabo direito a çezimbra e asy vinha rodeando aquelle rabo pera banda do naçente ate as onze da noute que o rabo vinha direito a cezimbra e antaõ se transpunha E por esta ordem sahia todas as noutes sem errar nhuã ate vespõra de santhome que foraõ 21 de dezembro da dita era e durou por esta conta mês e m^o este sinal fês tanto espanto em todos prinçipalm^{te} nas pessoas doudas que logo disserão que era m^{to} Roim sinal pera a ida delRey a africa [...].⁴⁸

É interessante que sejam estes dois autores os únicos, de todos os cronistas, a empregarem o termo «rabo» para descreverem a cauda do cometa. Todos os restantes evitam aquele termo, talvez por pudor ou por o acharem pouco adequado, do ponto de vista literário. Conestagio também refere o dia 9, embora do mês de novembro, como o dia da aparição. Esta poderia ser a data mais próxima da verdade, tendo em conta a antiguidade da crónica. Mas é óbvio que também está errado, pois o cometa estava já no alcance da vista terrena em finais de outubro. Não nos devemos surpreender que as datas erradas coincidam. As «crónicas» acabam sempre por beber de fontes comuns ou preexistentes, multiplicando os erros. A sua descrição do cometa é a seguinte:

⁴⁸ Pedro Roiz Socnes, *Memorial*, ed. de M. Lopes de Almeida, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1953, p. 90.

[...] Aparecio en aquel tiempo que fue a nueve de Noviembre en el Zodiaco en el signo de Libra, muy cerca de adonde se hallava la Estrella de Marte, una Cometa la mas hermosa y mas grande, de quantas cometas se han visto de gran tiempo aca, la qual como pareciesse en el principio de aquella quarta puso espanto en algunos, que por los passados exemplos dizen ser señal de infeliz sucesso, y que procediendo de ayre corrompido, haga daño a la vida de los Principes, y como los Capitanes antiguos interpretavam estes prodigios y señales bien, no tanto porque a si lo crey essen, quanto para dar animo a los soldaados: assi los Portugueses, interpretando en su favor dezian que aquella Cometa hablaba con el Rey y le dezia acometa, porque era tan gallarda la condición del Rey que tenían mas miedo a su yra que a la del Cielo.⁴⁹

A descrição mais elaborada do cometa deve-se a Luis Cabrera de Córdoba, um historiador coevo castelhano, considerado um autêntico fanático pelo rigor. Para ele, o cometa não pressagiava eventos funestos apenas para D. Sebastião, mas também para Filipe II, sobretudo no que dizia respeito às guerras religiosas e a sublevações nos seus Estados da Flandres. E, o que era mais importante, os seus efeitos durariam até 1590:

En este tiempo pareció en el Zodiaco, á nueve de Noviembre, á las cinco de la tarde, sobre la cabeza del Sagitario, un cometa el más lucido y grande que se vio en siglos antes, con aspecto amenazador, de color de finísima plata algo encendida, la cauda de color sanguino, de forma rara, los rayos torcidos en arco, y tiraban derecho para los cuernos del Capricornio; caminaba por el equinocial y línea meridional que atraviesa el polo del Zodiaco, y pasando adelante, dexando las alas de Antinos y pico del Águila, llegaba por entre la cauda del Delfín y narices del Caballito,

⁴⁹ Conestagio, *Historia de la Union del Reyno de Portugal*, Barcelona, 1610, p. 15.

hasta el pecho de Pegaso. En deciocho del mismo mes salió de la cabeza del cometa cabellera como cola en forma de una ala tendida. Mayor maravilla acaeció a tres de Diciembre, porque en un punto fue vista partirse en tres rayos como lanzas de fuego, y tirarlas la vuelta de Italia, el Estrecho de Gibraltar y la parte del Occidente, y siguiendo el primer móvil, desapareció á deciocho de Enero de mil y quinientos y setenta y ocho, y sus efetos duraron hasta el año mil y quinientos y noventa. Mostró las guerras que hubo en Flandres, la mudanza del reino de Portugal, y sobre su nacimiento y figura se hicieron juicios, que andan impresos en tratados de cometas de varios autores.⁵⁰

Para Fernando de Goes Loureiro, a data da aparição do cometa foi o dia 13 de novembro e os seus efeitos haviam de durar até à data em que escreve a sua *Breve Summa*, em 1596⁵¹. Goes Loureiro, de cuja data de nascimento e de morte

não temos quaisquer indicações, foi moço da câmara de D. Sebastião e acabou por se tornar abade de Soalhães. A descrição que faz do cometa, que certamente observou, é também muito precisa, sobretudo quanto aos movimentos do objeto:

[...] aparecio un espantoso y terrible Cometa enel Cielo, el qualle levantava una figura amodo de cola ò plumaje desde el Orizonte hasta poco menos dela mitad del Cielo, a nuestro parecer, este maravilloso Cometa se movia cada día com el movimiento universal de Oriente a Poniente, como la Luna, y otras estrelas; de donde se inferio, que siendo su region la Sphera del ayre, el mismo elemento se movia assi; advirtiose mas que allende el movimiento universal, tenia outro particular, com que se movia com los Planetas de Occidente a Oriente, porque cada

⁵⁰ Luis Cabrera de Córdoba, *Filipe II, Rey de España*, t. II, Madrid, Imprenta, Estereotipia y Galvanoplastia de Aribau y C.ª, 1876.

⁵¹ Goes Loureiro, *Breve Summa y Relacion de las Vidas, y hechos de los Reys de Portugal*, Mantua, 1596.

noche estava mas Oriental, como lo hazen la Luna, el Sol, y la estrella de Venus. Advirtiose mas que com outro terceiro movimiento particular y raro se movia enel Zodiaco hazia el Norte, porque acabo de algunas noches estava mas conjunto a signos Septentrionales [...]

Tão perto estava Goes Loureiro da verdade...!

Faria e Sousa também refere a data errada de 9 de dezembro para o aparecimento do cometa⁵². A natureza do corpo celeste não o interessa, a

não ser na complexão, «[...] fue visto aquel espantoso Cometa con infausta, y prolixa cauda a la parte de Occidente [...]», frase que é aproveitada por Juan de Baena, que também não lhe dá importância. Contudo, a natureza belicosa do cometa, sim, interessa-o:

[...] Su grandeza era, como de las Estrellas que llaman de primera magnitud; los nombres, propiedad, calidad, y efectos que tiene son rigurosos, llenos de furor, muerte y ira; por lo qual semejantes cometas, son llamados crueles y funestos, siendo con sus crueldades ocasión de muertes, sepulturas, enterramientos, tristezas, melancolías.⁵³

Pela astrologia judiciária ainda é possível que se possa esperar «trafiego de monarquias, y mudanças de Reynos», se bem que advertisse que tais prognósticos seriam condenados pela Igreja, por Santos e por Profetas. Alguns destes prognosticadores diziam que a ida de D. Sebastião à entrevista de Guadalupe com Filipe II tinha sido, afinal, para lhe entregar a possessão do reino.

Sebastián de Mesa, cuja crónica é sobretudo descritiva da Jornada de África, menciona, contudo, os preparativos e este episódio do cometa.

⁵² Faria e Sousa, *Europa portuguesa*, ed. cit., p. 6.

⁵³ Idem, *Historia del Reyno de Portugal*, Bruxelas, Francisco Foppens (Publ.), 1730.

«[...] a las cinco horas, y 16 minutos de la tarde, cõ una cola muy largá, y rayos muy resplandecientes, en 18 grados del Signo de Sagitario, junto al Planeta Mercurio en 12 grados del mismo Signo [...]».

É, sem dúvida, de entre todos os cronistas mencionados, o que dedica mais tempo à descrição astrológica do astro e às suas implicações sobrenaturais sobre os homens. Depois de discorrer longamente sobre os movimentos dos cometas e a sua conjugação com os demais astros e com o zodíaco,

chega à conclusão de que as ações deste cometa apareciam aumentadas pelo eclipse lunar precedente, que havia ocorrido a 26 de setembro, de maneira que:

[...] su grandeza era, como la de las Estrellas que llham de primera magnitud; los nombres, propiedad, calidad, y efectos que tiene son rigurosos, llenos de furor, muerte, è ira; por lo qual semejantes Cometas, son llamados crueles, y funestos, siêdo com sus crueldades ocasion de muretes, sepulturas, enterramientos, tristezas, melancolias.

Para Sebastián de Mesa a data da aparição é a 9 de novembro, «[...] a las cinco horas, y 16 minutos de la tarde, cõ una cola muy larga, y rayos muy resplandecientes, en 18 grados del Signo de Sagitario, junto al Planeta Mercurio en 12 grados del mismo Signo [...]». Outro castelhano, Frei Juan de San Jerónimo, um monge que escreveu umas *Memórias* e que foi contemporâneo dos factos, descreveu também o cometa como possuindo

[...] una bella cabellera grande y ancha, y muy clara, que provocaba à dar gracias à Dios viendo y considerando su hermosura. La raiz estava hacia Portugal y la cabellera señalaba Valencia: su color era blanco á manera de plata desta manera. Echaron luego juicios sobre este cometa y decían que amenazaba á Portugal, y que denotaba sequedad y muerte de Principes.⁵⁴

⁵⁴ Frei Juan de San Jerónimo, *Memorias*, in *Collección de Documentos Inéditos para la Historia de España*, t. VII, Madrid, 1845, p. 213. Este cronista, como resultado da batalha de Alcácer-Quibir e do desaparecimento de D. Sebastião, atribui poderes divinatórios

Vozes Consonantes

Bernardino Miedes (1515-1589) foi um historiador e humanista aragonês que escreveu uma crónica sobre Jaime I, a qual contém um capítulo sobre o cometa de 1577 e uma secção dedicada a D. Sebastião⁵⁵. Depois de dissertar sobre os avisos que teve para que não se passasse a África (quer da parte do Cardeal, entre outros, mas sobretudo de Filipe II), menciona o cometa que apareceu justamente durante os preparativos do levantamento da armada. O desaparecimento do cometa, com o final do levantamento da armada, significava

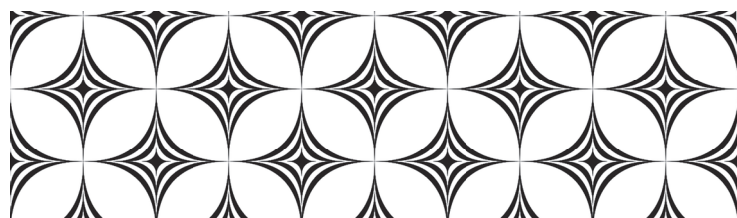
[...] que cõ su aparicion, no solo havia anunciado a todos lo venidero: pero que al mesmo don Sebastian havia dado tiẽpo para mirar muy bien lo que hazia, y para que cõ el motivo y señales del cielo, consultasse sobre la empresa, y deliberasse lo mejor. Porque no es de creher que los sabios y Astrologos de su Reyno se cegassen tan torpemente, que de un tan prodigioso Cometa, cuya cola tirava a Africa para donde se encaminava la armada, no hiziessen judiciario discurso [...]

Mas evidentemente que não houve astrólogo da corte portuguesa que fizesse qualquer aviso ao monarca, e, em todo o caso, se o fizesse, era pouco provável que se lhe desse qualquer credibilidade. Miedes fala, contudo, de um astrólogo aragonês, ativo na corte, que tinha feito um prognóstico: «[...] afirmava que las ruynas y calamidades grandes que el Cometa anũciava, todas se endereçavan contra Portugal y Africa, y el autor cõcluia cõ estas palabras, Mire Portugal por si, guarde se Africa».

Sem dúvida alguma que as mais completas preleções portuguesas sobre o cometa se devem aos três

rios ao cometa: «Bien claramente se ha entendido haber obrado el cometa que salió el Noviembre pasado de 1577 años donde amenazaba según el pronóstico à las cabezas de Portugal, diciendo desta manera: En España faltarán algunos grandes Señores: guarde Dios a los mayores de Portugal» (p. 234).

⁵⁵ Bernardino Gomez Miedes, *Historia del Muy Alto e Invencible Rey Don Jayme de Aragon, Primero Deste Nombre Llamado el Conquistador*, «Livro XIII», Valência, 1584.



autores setecentistas: Manoel dos Santos, Pereira Baião e Barbosa Machado, cada um dedicando-lhe um capítulo inteiro. E é igualmente com estes autores que aparecem novos episódios que nunca tinham sido referidos pelos anteriores cronistas. Barbosa Machado, por exemplo, escreveu muito tardiamente, tomando emprestada parte do texto de Pereira Baião. Barbosa chama-lhe um «horroroso cometa» (talvez não no sentido estético, mas no que ele significava) e que

[...] sempre semelhantes finais foraõ calamitosos prognosticos da morte de Príncipes, destruição de Monarquias, e decadencia de Imperios; e como na occasiã presente fervia o nosso Reyno em aparatos militares para a jornada de Africa, receavaõ prudentemente, que nella se extinguiria com o seu Principe a Monarquia Portugueza.

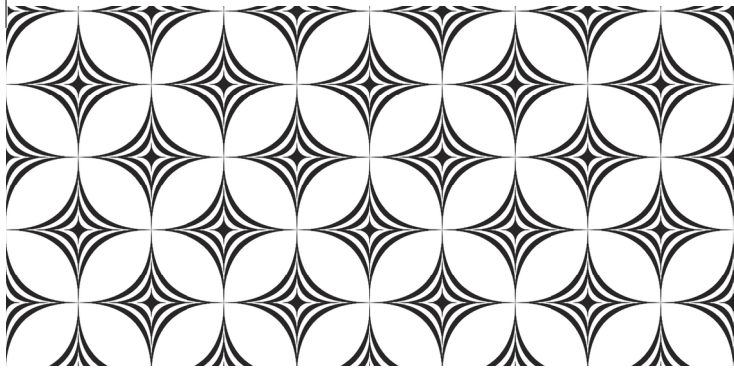
Goes Loureiro diz que, mal foi visto, teceram-se de imediato juízos e pareceres

Sobre la qual vuõ muchos juizios y pareceres, no faltando quien afirmava que era este Cometa, cierto anuncio dellas calamidade y ruinas que en aquel reyno despues se vieron, mas nada desto bastò para desviar de su propósito y Iornada al desventurado Rey don Sebastian, aquiẽ el mismo Cielo avisava dela sentencia que contra el y los suyos tenia dada. Vuo muchos que afirmaron averen de durar los efectos deste Cometa hasta el año de MDC.⁵⁶

Todos os três autores o caracterizam basicamente da mesma forma, e a descrição de Pereira Baião, no *Portugal cuidadoso*, parece ter servido de decalque para as crónicas de Frei Manoel dos Santos e de Barbosa Machado. Baião descreve-o como se segue:

Neste tempo apparecia no Ceo hum sinal muito espantoso sobre a Cidade de Lisboa; que era hum Cometa muito comprido de cor de sangue a fogueado com manchas de azul escuro, e a cauda estendida para a parte de Africa, em fórma

⁵⁶ Goes Loureiro, *op. cit.*



varanda com D. Afonso de Castelbranco, deão da Capela Real, e

de açoute, ou molho de varas; e foy visto a primeira vez em Quinta feira 7 do mesmo mez de Novembro, porem não se fez tanto reparo nelle como no Sabbado 9 em que appareceo de todo formado, e muito temeroso [...].⁵⁷

D. Sebastião viu o cometa pela primeira vez no dia 9 de novembro de 1577. Num dos seus passeios regulares a Salvaterra, atravessou o Tejo numa galé e, tendo chegado a Vila Franca ao final da tarde, acabou por pernoitar em casa de Thomé de Sousa que, por aquelas bandas, tinha uma quinta⁵⁸. Antes do jantar, foi tomar ares à

⁵⁷ Barbosa Machado possui um texto equivalente, embora tenha sido baseado na descrição que Stanislaï de Lubienietz fez no seu livro *Theatrum Cometicum*, t. 2, p. 373: «Em Quinta feira, que se contavaõ 7 do mez de Novembro deste anno de 1577, se divisou depois das cinco horas da tarde com huma brancura azulada, e mayor do que communemente apparece, o Planeta Venus, despedindo um rayo de cor azul, e leonada, inclinado para a parte do Meyo Dia; e posto que nos primeiros dias foy visto mais pequeno, e menos denso, cresceo em taõ grande distancia, que ocupava 10 graos, e neste estado durou até 21 de Dezembro, em que começou a diminuir até 12 de Janeiro do anno seguinte, e avizinhandose aos rayos da Lua, totalmente se extinguiu».

⁵⁸ Esta viagem de D. Sebastião vem relatada num manuscrito que existe na BNF, com cota portuguesa (8, f.º 159, 160 v.º), intitulado *Algumas cousas notaveis que mostram o grande animo delRey D. Sebastião*, e de que se transcreve o seguinte trecho: «O dia que pareceo a primeira vez o cometa que foi a 9 de novembro de 77 hia elRey de Lixª para Salvaterra, chegou a Villafranca á tarde onde sahio da gallé, e posto a Cavallo foi ver Thome de Sousa que estava na quinta da Agruella e voltou a Villa franca a oras de Ave Marias, e subindo aos aposentos e sahindo a hũa varanda com D. A.º de Castelbranco que então era Deão da Capella virão o Cometa a primeira vez de que se falou aquella noute à Cea [...]». Veríssimo Serrão publicou o integral do manuscrito nos *Documentos inéditos para a história do reinado de D. Sebastião*, Coimbra, Coimbra Editora, 1958, p. 130. D. Sebastião demorou-se em Salvaterra até 13 de janeiro

[...] olhando o acaso para Lisboa virão o cometa a primeira vez: era igneo, e caudato, estendido para o Meyo dia, aonde he Africa: appareceu por quarenta dias continuos, de nove de novembro até dezoito de dezembro seguinte; sempre à mesma hora, e sempre no mesmo lugar; e recolhendo-se El Rey da varanda, os que assistião a mesa praticavão sobre a novidade, que sendo sempre temerosa, elles tocados de espirito adulator dizião joviaes, jogando do vocabulo: que **Cometa era o mesmo que acometa**; e significava, que Sua Alteza acomettesse os mouros e tanto agradou a El Rey o dito por se ajustar aos seus pensamentos que dalli para diante repetia muitas vezes estas palavras: **Diz o Cometa que acometa**; porém a contraria intelligencia foy de todos; porque todos entenderão que o Cometa annunciava successo tragico [...].⁵⁹

O trocadilho de palavras de *cometa* e *acometa* não é referido por nenhum dos cronistas mais antigos. Nem Bernardo, nem Roiz, nem Conastagio o referem. Sebastián de Mesa também não. É com Faria e Sousa e Juan de Baena que a história tem início e é repetida pelos outros três autores setecentistas. Estava claro que, com ou sem cometa, dissessem os adutores que se tratava de uma indicação que acometeria os mouros, ou a generalidade das gentes que via nele um sinal funesto da maior gravidade, D. Sebastião era totalmente imune a qualquer opinião que o contrariasse. «Taõ aferrado estava ElRey ao seu propósito, que logo advertia não querer contrariedades nem pareceres diferentes; porque como os não havia de aceitar, não queria desgostar a quem lhos dava, regeitando-os elle [...]»⁶⁰. Nem o Papa foi exceção.

de 1578, dia em que regressou a Lisboa e foi visitar a avó que se encontrava já muito enferma (ver *Itinerários*, de Veríssimo Serrão, pp. 441 e segs.).

⁵⁹ Manoel dos Santos, *op. cit.*, p. 373.

⁶⁰ Pereira Baião, *Portugal ciudadoso e lastimado coma Vida e Perda do Senbor Rey Dom Sebastião. Historia*

Roiz Soares, quem quer que tenha sido, talvez tivesse privado no escritório do Rei, porque das poucas vezes que o cronista fala na primeira pessoa ao longo de toda a obra, esta é uma delas. O cronista viu e teve nas mãos um documento que havia sido enviado a D. Sebastião pelo Papa Gregório XIII, advertindo-o de todas as coisas funestas, caso mantivesse a sua ideia de se passar à Berbéria, e desaconselhava em absoluto a empresa de África. Para isso mandou Hercule della Rovere⁶¹, um astrólogo bolonhês ativo na

chronologica de suas acçoens, e successos desta Monarquia em seu tempo, etc., Na officina de António de Sousa de Sylva, 1737p. 478.

⁶¹ Hercule della Rovere, *Vaticinio, & General Discorso* [...], Florença, Giorgio Marescotti (Publ.), 1577. Trata-se de um folheto de oito páginas, datado de 15 de dezembro de 1577, e publicado nesse mesmo mês. O folheto é dedicado a Afonso d'Ornano, um conhecido marechal de França que serviu durante os reinados dos filhos de Catarina de Médicis e, depois, sob o de Henrique IV. O horóscopo inclui várias situações, mas, em geral, o prognóstico é mau, pois o cometa é considerado na sua gênese como tendo péssimos ascendentes: «[...] che questa Cometa, per essere situata, e posta vicino alla stella di Saturno, il quale essendo di própria natura pérfido & maligno Planeta, inclinara a mortali molti travagliosi, e variati pensieri, & ad'alcuni Principe avversità, e molte rebellioni di popoli, com captività di molti [...]». Adiante, segue com as suas previsões, das quais a mais usada como prognóstico para D. Sebastião é: «[...] Un Principe, ò veramente un Rè, non farà quest'Anno ne savio, ne antiveduto, perche non vorrà intendere, ne abbracciare alcuni consigli, che li potrebbano giovar molto, & vinto dalla passione, e dall'interesse proprio, s'indurrà a mettere mano in cosa, che gli partorirà la sua ruuina». A morte da Rainha D. Catarina foi também prognosticada: «[...] Morirà una Regina, che siede in una provincia ò Città sottoposta al segno della Vergine, & starà un gran pericolo quella, che domina un altro paese mediterano [...]». O folheto encontra-se na Biblioteca Angelica, Roma. Della Rovere não era um astrólogo de Gregório XIII e é pouco provável que o Papa o tivesse sob seu serviço exclusivo. O mais certo é ter tido conhecimento da relação de Rovere e, julgando que serviria bem ao Rei português, lha tivesse mandado enviar.

corde papal, fazer um prognóstico sobre o assunto, o qual revela-se bastante desfavorável a D. Sebastião:

E eu o vi e tive na mão antes muitos dias delRey partir pera a desaventurada Iornada o qual ponto por ponto lhe dizia sua perdição morte e cativo de toda a sua gente e Monarquia de fidalgos e snõrs q comsigo levava e que os efeitos daquele cometa aviam de durar passante de dezasseis annos e todos aviaõ de sser malinos e contagiossos asy pera purtugal como pera quazi toda cristandade... Tambem dizia nesse prenos-tico como avia de morer hũa Rainha nestas nossas parte [...]⁶²

O trocadilho de palavras de cometa e acometa não é referido por nenhum dos cronistas mais antigos.

Baião e Barbosa Machado também mencionam o prognóstico papal, este último de forma mais concisa, seguramente inspirados se não no *Memorial*, em algum texto nele baseado. Uma personalidade que escreveu sobre o cometa e o que significava foi o bispo do Porto, D. Ayres da Sylva. O bispo escreveu uma prática com o título *Discurso sobre o cometa que appareceo em Lisboa a 7 de Novembro de 1577 até 12 de Janeiro de 1578*, a qual continha severas advertências e muitos exemplos de situações do passado, claramente indicadoras de calamidades várias sobre os homens e as nações:

Porque de mais de muitos Santos dizerem que são indícios de mortes de Reys, e mudanças de Reynos, e presságios de notáveis acontecimentos, e calamidades Christo Redentor nosso o ensinou

⁶² Roiz Soares, *op. cit.*, pp. 90-91. A Rainha mencionada no prognóstico era D. Catarina, que, em janeiro de 1578, já se encontrava gravemente enferma. Viria a morrer logo após o desaparecimento do cometa, a 12 de fevereiro, no Palácio de Xabregas. Não é de todo conhecido se a Rainha chegou a ter conhecimento de que o neto havia tomado a resolução de ir pessoalmente à Berbéria. Toda a *entourage* de D. Sebastião lhe rogou que não dissesse nada à avó, para não lhe apressar a morte, mas, até nisso, D. Sebastião foi teimoso, pois fez questão que o secretário de Estado, Pero de Alcáçova Carneiro, lho comunicasse.

a sues Discipulos, dando-lhes para final da ruina de Jerusalem, e ainda do fim do mundo, finaes do Sol, Lua, e Estrellas e mais Corpos Celestes, [...] E pela relação de Josepho se sabia, que antes da final destruição do Povo Judaico, apparecera sobre Jerusalem hum Cometa de feição de espada, que durara espaço de hum anno inteiro; e que nossos pays alçaçaraõ outro, que anunciara a perda de Constantinopla, e miserável fim fim do Imperio Grego [...].

Segundo D. Ayres, o maior sinal provocado por um tal aviso celeste era sempre «[...] a obstinação, e incredulidade dos Principes, e Reynos, a quem principalmente ameaçavaõ [...]». Barbosa Machado publica integralmente esta carta do bispo do Porto, decalcando-a totalmente de Pereira Baião. A carta não é referida nem por Faria e Sousa, na *Europa portuguesa*, nem sequer por Caetano de Sousa, na sua *Historia genealogica*⁶³, mas Diogo Barbosa Machado menciona-a, se bem que a não transcreva na sua *Bibliotheca lusitana*⁶⁴. O bispo do Porto foi muito contundente nas suas advertências e não teve problemas em usar de uma linguagem mais dura para com o Rei. Afinal, estava em causa o próprio reino e D. Sebastião estava a hipotecar o que tinha e o que não tinha para contratar tropas no estrangeiro, bem como para se abastecer de munições. D. Sebastião tinha, de facto, muito apreço pelo bispo D. Ayres, o que, porém, não obstou a que não seguisse os seus conselhos, da mesma forma que não seguiu os que fossem contrários à sua ideia de se passar a África e, o que se revelava ainda pior, de comandar, ele mesmo, o exército, em vez de delegar essa função em alguém verdadeiramente experiente. A pedido do próprio D. Sebastião,

**A pedido do próprio
D. Sebastião, D. Ayres
acabou mesmo por o
acompanhar a África,
morrendo também
naquele fatídico
4 de agosto**

D. Ayres acabou mesmo por o acompanhar a África, morrendo também naquele fatídico 4 de agosto⁶⁵.

Muitas foram as vozes que se mostraram contrárias aos propósitos de D. Sebastião: D. João de Mascarenhas, membro do Conselho de Estado e, outrora, capitão de Dio, foi uma delas. Para afastar as vozes discordantes, como a de Ataíde, D. Sebastião recorreu a todos os expedientes: D. Luís de Ataíde, conde de Atouguia, e que havia sido vice-Rei da Índia, também era frontalmente contra a empresa, e viu-se novamente nomeado para o mesmo posto onde a sua voz certamente se perderia com a distância. A teimosia de D. Sebastião em negar-se a ouvir quaisquer opiniões contrárias às suas era generalizada, abrangendo toda a gente, independentemente da sua posição hierárquica. Manoel dos Santos refere um episódio caricato, passado no palácio, com Martim Afonso de Sousa, que também tinha sido governador da Índia, em que este, falando mais alto do que devia, se altercou: «Se prendem a muitos loucos por desatinos menos danosos, não prenderão a este moço pelo desatino de nos querer perder a todos?»

Pouco provável terá sido que, em pleno palácio e num acesso de fúria, Afonso de Sousa tenha proferido estas exatas palavras, mas alguma coisa deve ter dito, porque D. Sebastião ouviu e, furioso, só não tomou medidas drásticas, por condescendência à propecta idade do antigo governador da Índia («dado que se enfureceu e sahio fora à antecâmara, o reprimiraõ as veneráveis cans de vassalo taõ benemérito»).

Outra voz discordante e angustiada foi a do cardeal-infante D. Henrique que, pelo menos uma vez, lhe bateu o pé quando Sebastião foi expressamente a Évora pedir-lhe a bênção para a

⁶³ Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, vol. III, Lisboa, Lisboa Occidental/Joseph Antonio Sylva (Publ.), 1737.

⁶⁴ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*, t. 1, Lisboa, Lisboa Occidental, 1741, p. 81.

⁶⁵ Consta da lista dos mortos em Alcácer, referida por Jerónimo de Mendonça na sua *Jornada de África* (Lisboa, José da Silva Nazareth (Publ.), 1785 p. 58).

Vozes Consonantes

empresa e que assumisse a regência do reino na sua ausência⁶⁶:

Y porque nuestro Señor por sus secretos juyzios tenia dispuesto lo que fue del Rey don Sebastian: estando muy determinado de no dilatar la jornada se començò à prevenir de veras para ella. Y porque el Cardenal don Enrique a quien el (durãte su ausencia) quisiera dexar por Governador del Reyno, no lo quiso acetar aunque se lo rogò mucho.⁶⁷

O Rei ainda tentou obter a conivência do confessor do cardeal, mas D. Henrique não o apoiou e, a 1 de fevereiro, ou seja, um dia depois de D. Sebastião ter regressado a Lisboa, fez-lhe chegar uma carta, transcrita por Manoel dos Santos, na sua *História sebastica*, e por Barbosa Machado, nas *Memórias*⁶⁸. Nessa carta, o cardeal reitera o que havia dito antes. D. Sebastião não devia passar a África, por diversas razões: não tinha filhos que lhe assegurassem a sucessão, estava a desbaratar as finanças do reino, pondo-o em grandes dificuldades, e a tomada de Larache não era adquirida, nem sequer a sua manutenção, caso chegasse a cair, o que se apresentava muito duvidoso⁶⁹. O cardeal, como sobejamente sabido, não

⁶⁶ Veríssimo Serrão, *Itinerários de el-Rei D. Sebastião*, 2.ª ed., Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1987. Sebastião foi a Évora nos dias 28 e 29 de janeiro.

⁶⁷ Antonio Herrera, *Cinco Libros de Antonio de Herrera de la Historia de Portugal y Conquista de las Islas de los Azores en los Años de 1582 y 1583*, Madrid, Pedro Madrugal, (Publ.), 1583, p. 11v.

⁶⁸ Cf. Manoel dos Santos, *Historia sebastica*, «Livro II», pp 375-378; Barbosa Machado, *Memórias para a Historia de Portugal*, parte iv, pp. 249-253. A verdade é que, no final, e vendo que o monarca português não desistiria do seu propósito, o Papa acabou por lhe conceder o estatuto de cruzada.

⁶⁹ «[...] para dever de ir em pessoa nesta jornada, me parecia que em nenhuma maneira o devia fazer, não tendo filhos; [...] Aventura V. Alteza a mayor parte da nobreza deste Reyno [...] ha-de custar muito a empreza, & consumir muito mais dinheiro do que se pode cuidar [...] Aventura-se este cabedal, & principalmente a pessoa de V. Alteza, que he o tudo que há no Reyno

aceitou a regência entregue por D. Sebastião a um grupo de governadores.

D. Sebastião estava, no entanto, decidido e não recuaria no seu propósito de se passar a África, pela segunda vez. Era uma ideia que acalentava desde o fiasco que fora a sua primeira tentativa de tomar Marrocos, em 1574, ato que a maior parte dos historiadores na linha do Estado Novo, ou de mercê de um nacionalismo ridículo, apelidam eufemisticamente de «operação de reconhecimento do terreno». Oficialmente, só em 21 de novembro de 1577 é que o Rei dá a conhecer os seus planos, através de uma carta ao Embaixador em Roma, João Gomes da Silva. Este deveria, portanto, colocar o Papa a par das suas intenções. Nesta carta, Sebastião aponta os seus três objetivos: partiria em março de 78, o lugar a acometer seria Larache e seria ele próprio que comandaria os exércitos, já que estaria completamente fora de questão que fosse outro o escolhido para aquela função. Se assim fosse, era preferível não se atentar a jornada. A resposta do pontífice não se fez esperar, tendo sido muito negativa. Sebastião partiria, pois, sem a bênção do Papa⁷⁰. Não foi só o cometa 1577 que lhe prognosticou um mau desfecho. A correspondência trocada entre D. Sebastião e o tio Filipe II, bem como com os Embaixadores João Gomes da Silva e Juan de Silva revela o ânimo do Prudente em relação a todo este assunto. Filipe II era contra a guerra em África e disse-o várias vezes, em circunstâncias diversas. Desde a entrevista de Guadalupe, naquele Natal de 76, Filipe fez de tudo para o demover da ideia. Não só alguns dos cronistas portugueses fizeram eco da posição do *Prudente*, como hoje temos um bom acervo da correspondência havida entre Soberanos e seus Embaixadores. Juan de Silva, o

[...] He grande obrigação de V. Alteza buscar todos os modos possíveis para atalhar a isto» — Carta do cardeal D. Henrique, datada de «Évora 1 de fevereiro de 1578».

⁷⁰ Esta carta está na Torre do Tombo, Fundo Geral, 887, f.º 163v.º e 164, mas é transcrita na totalidade por Baía (*Portugal cuidadoso*, «Livro IV», pp. 477-478).

Comet seen in the sky: 1340 and plague at Florence in which 16,000 people died, Prodigiorum ac ostentorum Chronicon Lycosthenes, Conradus Published: 1557 Wellcome Library, London. Wellcome Images.[CC BY 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>)], via Wikimedia Commons.

Embaixador castelhano em Lisboa, várias vezes disse a D. Sebastião que Filipe II desaconselhava totalmente a empresa: «[...] Yo he acordado al Rey en muchas ocasiones que V. Magestad está muy de contraria opinión de la suya; y que el Duque de Alba, de quien Su Magestad haze tanto caudal, en ninguna manera del mundo aprobará esta resolución [...]»⁷¹. D. Sebastião es-

⁷¹ Manoel dos Santos, *Historia sebastica*, ed. cit., p. 380. Em relação à posição do duque de Alba é preciso acrescentar que o general castelhano era idolatrado por D. Sebastião e sempre se manteve contra a iniciativa do Monarca português, por considerar que ninguém do seu exército conhecia o terreno, nem estava militarmente bem preparado. Filipe II chegou mesmo a mandar a Marrocos o insuspeito capitão Francisco de Aldana (1537-1578) sondar o terreno, e as informações recolhidas desaconselhavam inteiramente a manobra em que o Soberano português se queria meter. De nada valeram os conselhos. O próprio Francisco de Aldana, a mando de Filipe II, expôs a Sebastião as miseráveis condições no terreno. Quando estava já claro que nada havia a fazer para mudar de ideias, a pouco mais de um mês da batalha, Sebastião recebe uma carta de Fernando de Toledo y Pimentel com alguns conselhos bastante elucidativos: «*Nuestro Señor dé á vuestra Majestad tan buen suceso en la jornada y vuelta a sus reinos como vuestra Majestad desea y sus criados y servidores deseamos*. Todavía me parece que con determinada voluntad quiso vuestra Majestad pasar en África sin darme dello aviso: plega á Dios suceda como desea su Majestad, que las cosas no muy consideradas suelen tener varios efectos. Vuestra Majestad advierta que lleva el enemigo consigo, y que África es tierra llana y no buena para puesto; y así se tendrá cuenta con mejorarse de sitio reforzando siempre la retaguardia con gente práctica y diestra; la vanguardia con gente honrada y escogida, la batalla con manga suelta de arcabucería, la artillería en lugar fuerte y bien asentada, el acometer con cordura, el esperar con ánimo y esfuerzo: y donde vuestra Majestad está, excusado será este aviso donde tanto hay. Ahí envió una celada que fue del Emperador mi señor, que sea en gloria. Nuestro Señor Dios dé á vuestra Majestad el próspero suceso que todos deseamos. De Madrid, veinte de Junio de



mil y quinientos y setenta y ocho.» D. Sebastião não tinha nada daquilo a que o duque de Alba se referia: gente capaz e uma boa estratégia. Fora a luta de varas e de porcos, D. Sebastião nada sabia de exércitos e guerras. O duque de Alba já havia antes oferecido os seus serviços ao monarca português, na condição de o deixar ao comando das tropas, o que naturalmente el-Rei recusou, na miragem de obter para si todos os louros e a glória da expedição. O nosso exército avançava pela «Berberia» adentro, lentamente e com dificuldades. Só devido às carruagens que vinham com o exército, somado à quase inexistência de poços de água potável, fez com que «[...] se hiziesen seis jornadas, en siete leguas [...]», como nos conta Oxeda. Para termos uma ideia, era tal o fausto que acompanhava o exército que só o duque de Barcelos (D. Teodósio de Bragança, com 10 anos apenas) levava 22 barracas (tendas) desmontáveis! No domingo à noite, véspera da batalha, o exército tinha finalmente chegado ao local onde teria lugar o confronto, mas estava exausto e faminto. Sem mantimentos, tiveram de abater os bois que puxavam as carruagens. Nessa mesma noite, já Mouley Abd-el-Malek «El Maluco» se encontrava posicionado com todo o seu exército à espera da investida dos portugueses. Reunido o Conselho de nobres, que nesta altura pouca ou nenhuma vontade tinha de entrar em guerra, dado o desequilíbrio notório entre os dois exércitos — a ponto de, segundo Oxeda, proporem uma retirada estratégica, «[...] y que, a la dificultad que havia de no poder retirar el artilleria, se podría dar el remedio neçessario, enterandola secretamente, porque el enemigo no la hallase, y quemando el carruage», ao que terá o Rei respondido: «Por ventura, los propios que aqui estais no sois los que, en Portugal y hasta aqui, siempre me haveis dicho que con este exerçito podría atravesar toda la Berberia, sin contradicion ninguna, porque los Moros no se me havian atrever a poner delante, ni tenian caudal para ello! Hizisteisme en Arzila entrar

creveu uma larguíssima carta a Filipe II, datada de 5 de janeiro, justificando-se, no seu próprio estilo, em intermináveis prosas sem nexos, baseadas em explicações empíricas sobre o Turco, que o Monarca não podia saber, porque não tinha inteligência militar para isso, ao contrário do Prudente que estava muito bem assessorado por uma rede de espíões, incluindo no Norte de África⁷². Avisado D. Sebastião por D. Juan de Silva, em nome do seu Rei, o resultado foi nulo, inteiramente posto que «De lo sobredicho se infiere, que ElRey está resolutíssimo en hazer jornada por su Persona; e no se puede juzgar al presente, que baste medio humano a dissuadirselas»⁷³. Filipe II voltou, dias depois, a enviar recado ao sobrinho, pelo duque de Medinaceli, por ocasião da apresentação de condolências pela morte de D. Catarina, entretanto ocorrida:

[...] buscou o Duque a ElRey D. Sebastião, ao qual representou da parte do seu Soberano, que no intento de passar a Africa se não deixasse

por esta tierra y, agora que me veis de todo empeñado en ella, sois de contrario parecer? Pareços que sentis bien mi honra, en decir que me retire, huyendo del enemigo, dexando toda la artilleria perdida, que es toda la reputacion de un exercito? Callad, pues, callad, que yo os dare a todos el pago que mereçeis!». Obviamente, nenhum dos fidalgos presentes teve a coragem de retorquir o que quer que fosse, exceto o Embaixador de Castela, Juan de Silva, «le quiso dar [a D. Sebastião] unos apuntamientos que Su Magestad [Filipe II] havia hordenado acerca de la jornada [...]». A carta de Fernando Toledo y Pimentel vem transcrita em Oxeda, *Comentário Que Trata de la Infelice Jornada Que El-Rey D. Sebastian Hizo en la Berberia*, in Henry Castries (ed.), *Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, t. I, Paris, Leroux, 1905, pp. 575-627. O manuscrito original não se encontra, mas existe uma cópia do século XVII em espanhol na BNF, cota portuguesa 8, ff. 1-29v.

⁷² Barbosa Machado, *Memorias*, t. 4, pp. 218-243.

⁷³ Carta de D. Juan de Silva para Filipe II, datada de 16 janeiro de 1578, transcrita por Barbosa Machado, *op. cit.*, pp. 246-7.

arrebatar do seu juvenil ardor, resolvendo-se a huma empresa, em punha ao ultimo perigo a sua Real Pessoa. Que não era razão de Estado que estando taõ próxima a conclusaõ do casamento com sua filha partisse sem o efetuar, devendo antes da jornada deixar estebelecida a successaõ da Coroa, para que por falta della se não transferisse a Príncipe estranho.

O duque de Medinaceli deixou bem claro a Sebastião

que os portugueses eram valentes, mas não tinham experiência alguma na guerra:

[...] diziendole la pena, y sentimiento, com que V. Magestad quedava en que Su Magestad quizesse aventurar su Persona en esta jornada, pues avia tantas razones, y cauzas para que Su Magestad nõ devia aventurarla [...] y que se acordasse qual dexava a su Reyno, y lo que importava su persona, y vida, y tener hijos, y succession [...] però que quería advertir a Su Magestad, que aunque no osaban como Vassallos contradizir a su voluntad, que le certificaba, que todos en general, y en particular llevaban quebradas las alas del coraçõ a la jornada, y de muy mala gana por ver a Su Magestad sin hijos, y en tanto peligro de vida, y de lo demás. Que le suplicava por reverencia de Dios considerasse, y mirasse, que ir contra el parecer de su Tio, y de todos sus Vassallos, y convicinos, y que van de mala gana [...]»⁷⁴

Como se não bastassem todos os avisos recebidos, os celestes e os de gente sabida, até o sultão de Marrocos enviou uma missiva a D. Sebastião, 10 dias antes da batalha, a pedir-lhe tréguas, de modo a evitar o confronto⁷⁵. D. Sebastião per-

⁷⁴ Carta do duque de Medinaceli a Filipe II, datada de Lisboa, 13 de abril de 1578, e transcrita por Barbosa Machado em *Memorias*, ed. cit., pp. 261-271.

⁷⁵ Abu Marwan Abd al-Malik I ou Abd-el-Malek, chamado «Mulei Moluco» pelos portugueses, foi o

deu-se em África e, com ele, a nata da nobreza portuguesa. Portugal, angustiado desde o tempo em que D. Joana andava de esperanças, sem herdeiros e com a perspectiva de vir a ter como Rei um castelhano, acabou assim por confirmar todas as previsões cosmológicas:

As lágrimas que derramou o júbilo em aplauso do seu nascimento, foraõ funestas percursoras das que se haviaõ chorar pela sua perdição. Com obstinada contumácia fechou os ouvidos às vozes do Ceo, que pela língua de formidáveis Cometas lhe anunciavaõ a última calamidade.⁷⁶

A aparência do cometa 1577 suscitou, no imaginário popular, todo o tipo de discursos. Algumas explicações circularam, chegando até nós de forma avulsa e não assinadas, tal como a seguinte:

Do cometa del Rey n.os^{to}
antes da sua perdição

O cometa q[ue] apareceo
antes da jornada de el Rey dom Sebastiam
foy hua cesta feira a 9^a de Jan^{to} no Anno 78 A

**A aparência do cometa
1577 suscitou, no
imaginário popular,
todo o tipo de discursos.**

sultão de Marrocos, da dinastia Saadi, de 1576 a 1578, data em que morreu, durante a Batalha de Alcácer-Quibir. A carta que enviou a Sebastião vem transcrita por Miguel Leitão de Andrada, em 1629, no seu livro *Miscellanea do sitio de Nossa Senhora da Luz do Pedregão Grande*. Leitão de Andrada é uma das poucas pessoas que efetivamente participaram na batalha e que depois escreveram sobre ela. A dado momento, o autor escreve «[...] Tornando pois a esta nossa infelice, & sempre lamentavel, & em tudo temeraria batalha. E digo temeraria, pois nella & na jornada toda, tudo forão erros cometidos polla cabeça de hum sò homem Rey endurecido a todo bom conselho, & rezão, pera não seguir outra, se não sua propria vontade, em lugar della, sendo assim que in maxima fortuna, na mòr alteza menos liberdade». Pese embora a suspeita que alguns estudiosos tenham lançado sobre a sua autenticidade, parece não haver, hoje, bases significativas para lha negar. Nesta carta, o sultão oferece um conjunto de benesses a Sebastião, que incluíam novos territórios em Marrocos, a troca da não hostilidade.

⁷⁶ Pereira Baião, *Portugal cuidadoso*, ed. cit., p. III.

qual tinha hú rabo do comprimento de hua lanca q tirava de Amarelo e cor de ouro o qual tinha estendido sobre nos e o pé tinha sobre berberia por q ? a boqua da noite nasia era na parte oriental e era movable pois se punha la pelas quatro oras da madrugada no occidente continuando nesta ordem todo o mês de jan^{to} ate 25 de fevereiro. Naceo na casa de Acquario tendo por seu accendente Saturno en aspectto de Marte q[ue] hé o mesmo Planeta em q[ue] El Rey Dom Sebastiam naceo pois naceo na casa de Acquario tendo por ascendente Saturno em aspectto de Marte A ? A cor amarela promisticava em todos seus efeitos futuros mortes de Principes e Reis e infantes q[ue] asi o diz Dunal e gido e outros m^{tos} q[ue] tratam dos efeitos celestes.⁷⁷

Outras explicações surgiram em verso e devem ter circulado também. No anexo 1, apresentamos duas explicações para o cometa de 1577, retiradas de manuscritos anónimos existentes na Torre do Tombo.

A sua grande cauda apontava, indubitavelmente, para África, algo considerado nefasto e de mau agouro pelo povo, mas uma clara indicação de onde acometer, segundo a *entourage* bajuladora do Rei, que mais não fazia do que dizer-lhe o que ele queria ouvir. Refratário a contradições, para D. Sebastião não só o cometa lhe «facilitava o acometimento», como ainda lhe indicava onde acometer. Até a forma da cauda era prognóstica, uma trombeta. Não era sinal de poderio dos portugueses? Estavam, pois, juntos todos os ingredientes para moldar a imaginação de um jovem intempestivo que nada temia. Os sinais da desgraça não estavam só no cometa. Por essa altura, outros presságios tinham

⁷⁷ Manuscrito da Torre do Tombo, «MSLIV Manuscritos da Livraria 1280/1900, 1112 Miscelânea» (ms. 00079 *Do cometa del Rei nssr antes da sua perdição* (versão eletrónica em digitarq.arquivos.pt/details?id=4724057).

sido enviados pelos céus: animais extraordinários e grandes exércitos que marchavam no ar. Muitos foram os episódios quixotescos e de mau agoiro, imaginários ou não, que ficaram para a posteridade. Pouco antes de zarparem do Tejo, D. Sebastião foi benzer, o estandarte real, à Sé de Lisboa. Quando o arcebispo colocou a bandeira no estandarte, inadvertidamente inverteu-a, fazendo com que a cabeça de Cristo ficasse para baixo (o estandarte pessoal do Rei tinha, de um lado, a coroa fechada e, do outro, a imagem de Cristo). A galé que o havia de levar a Lagos atingia uma outra, de pavilhão flamengo, que estava ancorada («[...] e a galé arrebatada da corrente foy marrar em huma nao flamenga [...]») ⁷⁸, do mesmo modo que uma salva de artilharia lançada de terra, a saudar a partida, atingia um homem num batel. Horríveis sinais, prognósticos nefastos, tudo parecia indicar o fim trágico do Rei e da nação.

3. SEBASTIÃO, OS PROGNÓSTICOS E A EMPRESA D'ÁFRICA

Naquele ano de 1577 andara D. Sebastião atarefadíssimo na preparação da sua jornada de África, aquela que seria a sua guerra. Seguramente que o Rei deve ter olhado para os céus de Lisboa muitas vezes, pois aquele cometa impressionava pela cauda enorme que preenchia o firmamento. O povo, esse, olhava para ele com um misto de maravilhamento e temor. Os cometas, vistos com muita cautela, pressagiavam quase sempre catástrofes, e havia certamente algo que apertava o coração daquelas gentes, pois sentiam que alguma fatalidade estava para acontecer. D. Sebastião andava a recrutar mercenários para a sua segunda ida a África. E o cometa visto em Portugal, naquele ano de 1577, fora, na sua generalidade,

⁷⁸ Esta cena é igualmente contada por Faria e Sousa, *Historia del Reyno de Portugal*, ed. cit.

tido como um mau presságio para a Jornada de África, um dos sinais que se atribuíram como anunciadores da desgraça do Rei. Sem o saber, D. Sebastião tornar-se-ia no bode expiatório daquele tão nefasto sinal. Apesar dos avisos do céu, o Rei era imune a opiniões contrárias às suas e, quando contrariado, «[...] andava por isso muyto dessaboreado, & carrancudo». Mesmo em relação aos «avisos» relacionados com a empreitada a África, «[...] outros mil advirtimentos da Rainha Dona Chaterina sua avó, & do Cardeal Dom Anrique seu tio. E de todos os grandes & pequenos. E a todos que nisso se metião, trobejava, & fazia focinho, & dava em tudo dessabores» ⁷⁹. Está, portanto, claro porque é

Os sinais da desgraça não estavam só no cometa.

que uma nação inteira se deixou arrastar para tal aventura. Ou, como nos diz Jerónimo de São José, apesar dos avisos do céu,

tudo nele erão desejos de guerra, e manifestar a todos o animo intrépido, e o poder das suas forças, fomentado pelos lisonjeiros, que por lhe agradarem approvarão seus pensamentos. Seguio esta empresa com notável contentamento, parecendo-lhe que o zelo que tinha da santa Fé Catholica seria motivo para Deos lhe conceder a victoria, tendo precedido tantos sinais da sua perdição, que elle, e seus privados interpretarão a seu favor. ⁸⁰

Muitos eram os motivos que reprovavam inteiramente uma aventura em África. D. Sebastião conhecia-os, como também conhecia os reparos e as razões pelo que não devia fazer a empresa. E de todas foi inúmeras vezes avisado. É verdade que tomar posse de Larache era importante, dada a natureza estratégica daquele porto para controlar as carreiras que navegavam ao longo da costa, para sul. Mas o mo-

⁷⁹ *Miscellânea*, ed. cit.

⁸⁰ Jerónimo de São José, *Historia chronologica da esclarecida Ordem da SS. Trindade [...]*, t. I, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira (Publ.), 1789, pp. 388-389.



tivo principal alegado pelo Rei era totalmente desprovido de consistência. D. Sebastião queria conter o avanço turco na Berbéria que, a acontecer, ficaria às portas da Ibéria. Mas a *Porta* não avançava para além de Argel e havia bons entendimentos entre os xerifados de Marrocos e Filipe II. Tão estável era a situação que o *Prudente*, que desde 1573 andava em negociações secretas com o Turco para suster os ímpetus expansionistas^{81/82}, não se mostrou minimamente interessado nessa aventura que iria, seguramente, desestabilizar toda a região, ao invés de ter o efeito contrário. Goradas todas as tentativas de dissuasão da empresa,

⁸¹ Ver Fernand Braudel, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*, vol. II, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1984, pp. 523 e segs.

⁸² Geoffrey Parker, *Imprudent King*, Londres, Yale University Press, 2014, pp. 264 e segs. No início de 1578, Giovanni Marliani foi a Constantinopla como enviado secreto do Prudente, para conseguir um prolongamento do armistício entre as duas potências. Filipe volta a enviar o seu Embaixador Juan da Silva a Sebastião para, uma vez mais, o desencorajar da empresa que, a fazer-se, poria ainda em perigo a situação de alguma acalmia e estabilidade relativamente aos turcos.

apesar de todos os avisos, cumpriu-se assim o infausto prognóstico do cometa de janeiro passado.

Filipe II jogou muitas vezes com as circunstâncias, de modo a retirar o melhor e maior partido pessoal das situações, mas parece-nos injusto que lhe sejam assacadas culpas, falta de escrúpulos e hipocrisia nos avisos que fez ao sobrinho. Avisou-o pessoalmente em Guadalupe e voltou a fazê-lo com recurso a terceiros, nomeadamente por meio de D. Juan da Silva, o seu Embaixador preferido. A correspondência pessoal do *Prudente* com Juan da Silva não era para ser lida por terceiros e Filipe II não deixa dúvidas de que reprovava inteiramente aquela aventura. Na melhor das hipóteses, D. Sebastião sairia «vitorioso» da jornada e Filipe II acabaria por lhe impor Isabel Clara Eugénia, sua filha, e por manter o reino dos lusitanos na esfera da sua casa. Perdido D. Sebastião, tornava-se óbvio que pensasse que lhe cabia a ele governar o reino, já que Portugal e Espanha estavam, desde D. Manuel I, umbilicalmente ligados pela hiperbolizada rede dos laços matrimoniais.

Depois do desaparecimento de D. Sebastião em África, o cometa 1577 voltou a ser referido, sobretudo pela confirmação verificada em relação às profecias que envolviam a morte do Monarca, a perda da fidalguia, da nação e até da anexação da coroa de Portugal à de Castela. O triunfo dos prognósticos tinha sido confirmado pelos factos. Para Zamorano, o facto de o cometa se ter engendrado no trópico de Capricórnio, agravado por ter o seu pé direito no Serpentário, o qual se desvanecia na constelação de Pégaso, não só prognosticou pesados tumultos na Flandres, como «[...] significou la muerte del Rey Don Sebastian, destruicion de su exercito, con la translacion de su reino a la Monarquia de Castilla»⁸³. Idêntica descrição fez Luis Cabrera de Córdoba⁸⁴. A maioria dos cronistas é, em geral, unânime em pôr a culpa do desfecho da jornada de África no desventurado D. Sebastião que,

⁸³ Rodrigo Zamorano, *op. cit.*

⁸⁴ Luis Cabrera de Córdoba, *op. cit.*

Vozes Consonantes

por soberba, não quis ouvir os avisos do céu, nem os terrenos. Os do céu haviam sido clarísimos e, mesmo assim, sem conselho de ninguém, obstinado, decidi fazer a jornada sozinho: «[...] Significando que có su aparición [do cometa] no solo havia anunciado a todos lo veridero: pero que al mesmo don Sebastian havia dado tiêpo para mirar muy bien lo que hazia [...]»⁸⁵. Mas Sebastião já estava num outro mundo, encerrado na sua determinação. Não ouvia

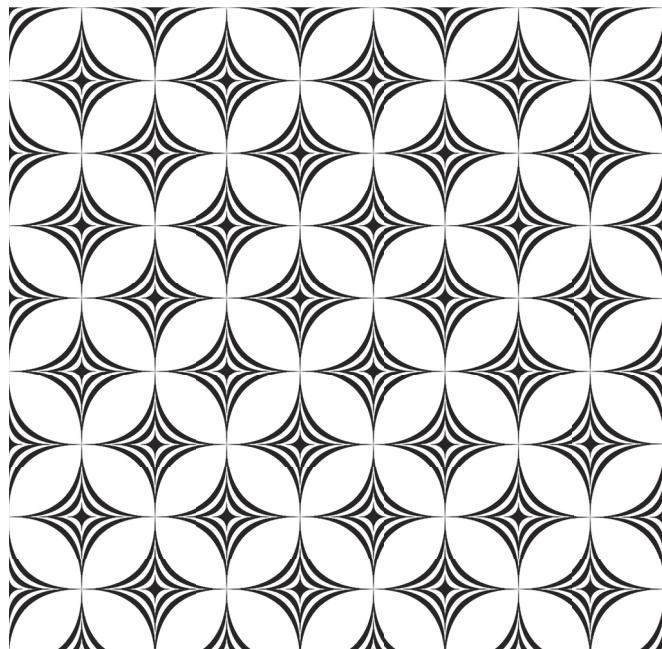
Nacia toda esta confiança de verse el Rey tan robusto y gallardo [...] dotole la naturaleza de grandes prêdas y calidades, mas no le aprovecharõ nada, faltãdole por la edad briosa la virtud positiva, q̄ es la gobernadora de nuestras acciones, pues todo su valor, liberalidad, zelo de la Religion, desseo de la gloria militar, bizarría de su cuerpo, y en fin toda su fortaleza y fuerças naturales no le sirvierõ mas q̄ de dexar al mundo una general lastima de todo.⁸⁶

Em suma, são bem acertadas as palavras de Pedro de Mariz, que, sobre o Rei, nos diz que poucas palavras são necessárias, porque nas lástimas, tristezas e mágoas o sentimento pode escusar a relação delas. Afinal, porque haveremos de falar de um Rei que

foi nascido com lágrimas de vassalos, criado com discórdias de parentes, e servido conforme ao grande animo, que tinha, que à grande prudência, tão necessária a qualquer real entendimento [...] Em fim em seu nascimento, em sua criação, em seu serviço, em seus conselhos, e em toda a sua vida, e morte, foi acompanhado de tantas maravilhas, que se pela grandeza dellas costumão as taes acontecer raramente no mundo, bem podemos não esperar nelle outra tão cedo,

⁸⁵ Bernardino Gomez Miedes, *op. cit.*

⁸⁶ Antonio San Roman, *Jornada y Muerte del Rey Don Sebastian de Portugal*, Valladolid, 1603.



Muitos eram os motivos que reprovavam inteiramente uma aventura em África.

que de si lançassem tantas linhas, e dependencias tão notaveis.⁸⁷

E não é, afinal, esta raridade a essência do sebastianismo?

⁸⁷ Pedro de Mariz, *Dialogos de varia historia*, t. II, 5.^a ed., Lisboa, 1806, p. 128. Este trecho não consta da edição original de 1594.

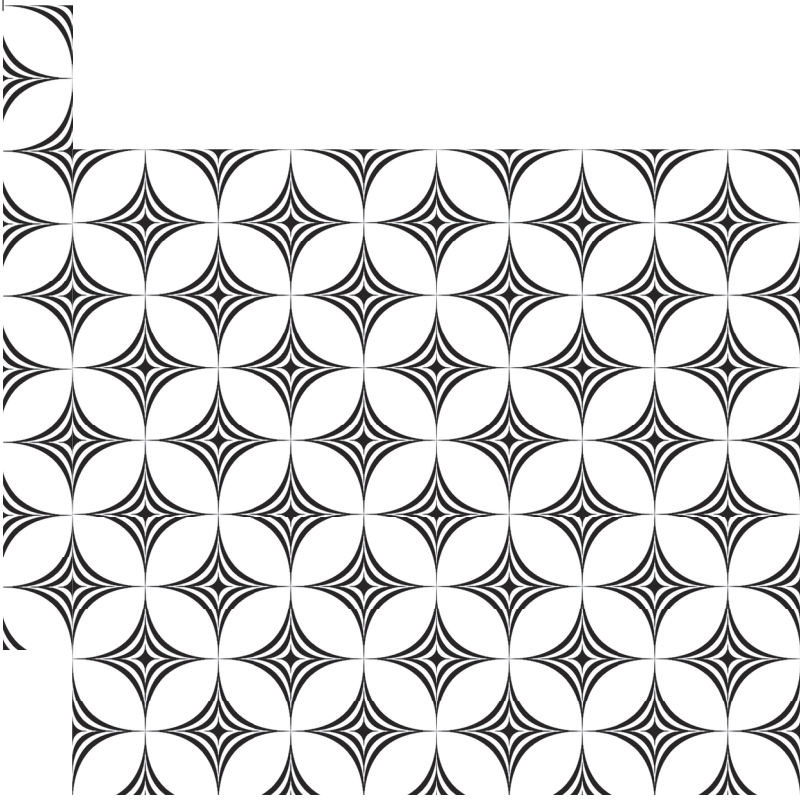


Figura 1 - O cometa de 1577 numa famosa gravura realizada pelo impressor Georgius Jacobus von Datschitz, tal como foi observado no dia 12 de novembro, em Praga. Por debaixo da cauda está representada a Lua e Saturno. Por cima da cauda estão as constelações de Sagitário, de Capricórnio, de Aquário, de Peixes e de Carneiro. Esta gravura foi publicada num panfleto de divulgação alemão.

Vozes Consonantes

ANEXO 1A. EXPLICAÇÃO SOBRE O COMETA⁸⁸

O Reino dos Luzitanos
em armas taõ exaltados
deitara de si tiranos
con fervor acelerados

E viraõ de estranha[s] terras
m̃ fortes dous lioẽs
e moveraõ ilustres guerras
e grande[s] alteracoes

A fee sem ella vira
castigar males passados
hú Rey cativo sera
e perdidos seus estados

A ferro seraõ metidas
cidades muy afamadas
as quais seraõ destruidas
queimadas he asoladas

E na era mais chegada
de principio por diante
huã cidade eminente
de fogo sera abrazada

Avera mil tempestades
de aguas muy abundantes
e muy poucas novidades
E moreraõ dous Infantes

Andaremos sem sentidos
hús astros perguntando
que esta que he o teu bando
dando sem mil alaridos

jente avera relaxada
deste Rei ? Cristianisimo
mas cresera o Baptismo
e a fee sera exaltada

—

⁸⁸ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, referência PT/TT/MS-LIV/1112. Corresponde ao documento 79 que se encontra nas páginas 455-458 da digitalização.

No ceo sinais avera
e na terra movimentos
gritos prantos sentimentos
muita jente morrera

Os montes praias seraõ
os vales alevantados
a mos desferiraõ
da vida e dos seus estados

As provicias povoadas
todos delas fugiraõ
e as mais dezaabitadas
de novo se abitaraõ

De mil Lagrimas regados
seraõ caminhos desertos
de feras despedaçados
seraõ mil peitos abertos

Os montes altos e serras
de gente se poavoaraõ
fugindo das duras guerras
mas ne' la escapaõ

Os sem culpa inocentes
tan bem pasaraõ tromentos
dos quais e das mais ausentes
teraõ graves sentimentos

E taõ bem as mais mimosas
q nuca tenhaõ parido
de tanto mal temerosas
seu fru[?]to sera perdido

Alguás disimularaõ
estes males conhecidos
as mais delas parirao
de sete meses copridos

Não faltaraõ divizoes
trabalhos ne' desaventuras
emcherseam as sepulturas
de ovelhas e lioes

Sera rey quem auzentado
anda da patria esquesda
este sera venerado ?
sua iente florecida

Quem falcas honrras ganhou
delas sera despoiado
prezo cativo he atado
por pagar ho q[ue] erdenou

As ovelhas pagaraõ
o q[ue] fizeram pastores
muitos castello[s] e torres
có furor se escalarao

Em cativeiro estara
do Mornacha luzitano
hu Rei civil e tirano
q̃ seus Reinos perdera

Muitos seraõ destruidos
de suas terras lancados
he viviraõ inquitados
e no fim seraõ perdidos

Muitos grandes despoiados
de dous estados seraõ
pequenos acrescentados
em seu lugar se ??

Muitos sinais espantosos
o Sol a lua faraõ
muitos peitos animozos
covardes se mostraraõ

Aqui teraõ fim cuidados
bonancas comesaraõ
alegrias em seus estados
mui contentes viveraõ.

**ANEXO 1B. OUTRO
JUÍZO SOBRE O MESMO**

A era de 81
de janeiro por diante
tera fio cru montante
a ?? cada hu'

Avera nesta cidade
grande peste fome e gerra
a escriptura nao erra
q[ue] em tudo fala verdade

Avera aguas sen conto
e mui pouquas novidades
cada qual esteja pronto
a fortuna e tempestades

Quanto ao nosso Cristianismo
nossa grande obrigacão
naõ temos mais de Cristaõ
q[ue] o nome do Baptismo

Faremos do dia noite
vivendo como agrestes
ir vé castigo e asoute
cada hú se faca prestes

Espantaveis movimentos
avemos cedo dever
antes q[ue] pasom mais tempos
isto ade acontecer

De longes terras virao
dous lionis mui asanhados
hú de ✘ e outro naõ
vingar os males passados

Estes lionis asanhados
viraõ de terras estranhas
a botar dos seus estados
os q[ue] vivem nas Hespanhas

As serras se abitaraõ
das provicias abitadas
e mtas dezabitadas
de novo se poavoraõ

Aos outros mais altos
a gente se subira
mas nẽ la escapara
antes andaraõ em saltos

Andaraõ como pasmados
chorando pelo[s] caminhos
de sua patria alongados
de parentes e vizinhos

Naõ avera ahi amigo
nẽ pai q[eu] por fº seia
o mais saõ hu serto abrigo
he acolher ??

Seraõ a forca de espada
destroidas mil provicias
a luzitania asolada [nao pode ser]
teraõ fim roubos malicias

Particular interesce
ter chegado ó mundo atanto
triste do q[ue] lhe paresce
q[ue] ade bastar falco manto

Ade ser Rei quẽ ho for
q[ue] em d'esta ho poder?
o bom o Saõ a milhor
elle so sabe escolher

Os pouquos onde lastrar
a culpa dos seus monarchas
q[ue] sem nhã estudar
saõ letrados e petrachas

No Ceo avera sinais
na terra naõ faltaraõ

tormentos e penas tais
q[ue] nos ceos penetraraõ

E dispois do leaõ morto
naõ con falta de misterio
aportara neste porto
outro cõ mor imperio

E trara seu companheiro
a terra de luzitanos
cada qual mor carniceiro
destruidor de Arrianos

Nao avera entre pran?
lugar seguro ne estado
tudo sera abrazado
desa gente alemanha

Avera priciguiones
mortos, sem conto e ??
mal? fogos e devizons
só D's lhe pode dar cura

Tempos tras tempos viraõ
q[ue] os grandes seraõ abatidos
os piquenos escolhidos
povo e Rey governaraõ

E despois de tantos males
fomos nestas divizoões
cheios os montes e vales
de tristes pergrinaçones

Tornara o Redemptor
olhar pelo seu rebanho
q[ue] escapava de mal tamanho
como bom Rei e Snor

Escapara pouqua jente
de tan perigoza danca
vira tempo de bonanca
quẽ viver sera contente.